



UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – *CAMPUS MATA NORTE*

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS – REDE NACIONAL

PEDRO FELIPE DA SILVA SANTOS

**CONTEXTO, GÊNERO E TRANSITIVIDADE:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA BASEADA NO GÊNERO RESENHA FÍLMICA**

NAZARÉ DA MATA - PE

2021

PEDRO FELIPE DA SILVA SANTOS

**CONTEXTO, GÊNERO E TRANSITIVIDADE:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA BASEADA NO GÊNERO RESENHA FÍLMICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do *Campus* Mata Norte da Universidade de Pernambuco, na área de concentração Teorias de Linguagem e Ensino, como requisito para obtenção do título de mestre em letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais

NAZARÉ DA MATA - PE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa, Nazaré da Mata – PE, Brasil

S237c Santos, Pedro Felipe da Silva
Contexto, gênero e transitividade: uma proposta didática baseada no gênero da resenha fílmica. / Pedro Felipe da Silva Santos – Nazaré da Mata, 2021.
114p.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Mestrado Profissional em Letras, Nazaré da Mata, 2021.

1. Linguística sistêmico-funcional. 2. Metafunção ideacional. 4. Transitividade. 5. Resenha fílmica I. Barbosa, Maria do Rosário da Silva Albuquerque (orient.). II. Título.

CDD 410.1833

Bibliotecária Responsável: Luciene Aquino – CRB-4/2207

PEDRO FELIPE DA SILVA SANTOS

**CONTEXTO, GÊNERO E TRANSITIVIDADE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA BASEADA NO
GÊNERO RESENHA FÍLMICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, em 30/11/2021.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa
Orientador (a) – UPE/Campus Mata Norte



Profa. Dra. Anahy Samara Zamblano de Oliveira
Examinador (a) Interno - UPE/*Campus* Mata Norte



Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida
Examinador (a) Externo – UFG

Nazaré da Mata- PE

2021

Trilhos Fortes
(Claudia Leitte)

“O azul do céu clareia, amanhece o dia é hora
De seguir a minha estrada, não tenho que me preocupar
A minha alma incendeia, ser feliz é ser agora
Não interessa a chegada, o importante é caminhar
Só peço a proteção dos santos, minha fé
Expresso em trilhos fortes”

**Compositores: Adriano Silveira De Paternostro / Betao Aguiar / Bruno
Marques De Andrade E Silva / Rodrigo Castanho E Souza**

AGRADECIMENTOS

Agradecer... pense num verbo cujos processos instanciam diversos sentidos, material, verbal ou comportamental... agradecer é de uma atividade verbal e humana cheia de significados, pois que assim seja.

Primeiramente, agradeço a Deus, sem ele os momentos os quais tive medo, vontade de desistir ou de solidão nada teria acontecido. Ele foi meu refúgio e meu porto seguro. Junto a esse Deus (uno e trino) agradeço também a incansável intercessão de Nossa Senhora de Fátima, essa mãe celestial que sempre me guiou diante dos caminhos tenebrosos e me consolou.

Agradeço numa dimensão imensurável à minha família, meu alicerce, meu motivo de dar sempre o meu melhor. Eva, minha mãe; Josenaldo, meu pai; Fernanda, minha irmã; e Maria Gabriela, minha irmã caçula. Obrigado, por tudo, sem vocês nada teria sentido. Ainda quanto aos meus parentes, não poderia esquecer de lembrar de todos meus tios e tias, primos e primas, e meus avôs, em especial Dona Sebastiana, a qual carinhosamente chamo de Mãe.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria do Rosário que desde a graduação me fez olhar a vida pelo olhar transitivo e descobrir, à custa de muitas leituras, o prazer que é pesquisar sob a ótica da Linguística Sistêmico Funcional.

A todo Departamento de letras da UPE, na figura da Prof^a Dr^a Cristina Botelho, pelo carinho imensurável e pelo exemplo que todos vocês foram no meu trilhar acadêmico, obrigado.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa, mesmo em meio a um turbilhão de incertezas, foram fiéis aos compromissos com o nosso programa de mestrado.

À Escola Municipal Poeta Castro Alves, na figura das gestoras Claudia Mirian e Clere Silva, por toda paciência e ajuda para que eu pudesse concluir o mestrado.

Aos meus amigos que tanto me incentivaram a não desistir, em especial ao companheiro de todas as horas David Adam, a Marina Catolé, Hisadora Goldin, Mateus Vital, João Júnior, Paulo Sousa, Miguel Silva, Demorval Filho, Wellington Silva, Alex Galvão e Elielton Albuquerque.

Por último, queria agradecer a quatro amigos que o mundo acadêmico me deu: Roseane Phabricia, Priscila Lins, Daniel Junio e Daniel Arena, a “turma do Sandeiro”, sem a alegria de vocês tudo foi mais leve.

DEDICATÓRIA

A vida nos enche de pessoas que tomamos como exemplo, contudo algumas além de serem nossos exemplos nos tomam como exemplo, era o que eu sentia pelo meu avô, Manuel Pedro dos Santos, e o que ele sentia por mim.

Quando criança eu silenciava para escutar aquele homem que sempre me cobria de amor e carinho, me levava para trabalhar com ele, que dizia “esse é o meu neto” com o peito estufado e a voz orgulhosa. Cada segundo dos 28 anos que passamos juntos eu me colocava na posição de escuta. O quanto eu aprendi com aquele homem, a ser responsável, a gostar de trabalhar e acima de tudo, a não desistir.

Quando a vida, no entanto, me proporcionou dar passos mais altos e me fez amadurecer mais, conhecer mais o contrário aconteceu: aquela voz rouca fazia questão de silenciar para me escutar, para ter orgulho do seu primeiro neto. Quantas saudades, vovô. Onde quer que estejas, espero que junto ao Pai, saiba que o seu sonho de me ver sempre dando o meu melhor nunca será esquecido, por isso com toda reverência a sua história dedico esta dissertação ao senhor.

A Manoel Pedro dos Santos, *in memoriam*.

RESUMO

A linguagem na Linguística Sistêmico-Funcional contempla os significados – ideacional, interpessoal e textual - concretizados em contextos sociais distintos. Todos esses significados se manifestam no sistema linguístico, fundamentando três usos da linguagem: representação, interação e mensagem. Tal abordagem percebe que os textos podem ser produzidos com significados pertencentes a um dado gênero. Para isso, esta pesquisa aborda a transitividade pelo olhar sistêmico-funcional que observa a oração e toda sua complexidade gramatical durante a produção de um gênero de texto. Nessa perspectiva, esta pesquisa objetiva analisar o uso dos elementos da transitividade – os participantes, processos e as circunstâncias – que garantem a representação das experiências do escritor/falante em resenha fílmicas. Dessa forma, busca-se entender como os significados construídos em Resenhas fílmicas léxicogramaticalmente possibilitam a compreensão da temática e pode contribuir para a formação leitora crítica. A base teórica que fundamenta esta pesquisa centra-se na Linguística Sistêmico-Funcional no âmbito do Sistema de Transitividade, considerando a metafunção experiencial da linguagem. O *corpus* da pesquisa constitui-se de oito resenhas fílmicas retiradas no portal da internet *Adoro Cinema* com a temática identidade e adolescência. A escolha do gênero de texto resenha fílmica se dá devido a seu caráter narrativo e avaliativo. Suas temáticas são contempladas em projetos de leitura sugeridos pela proposta curricular do Ensino Fundamental. Os resultados mostram que o contexto de cultura e do contexto de situação garantem a compressão da temática e da narrativa fílmica. E as escolhas léxico-gramaticais de transitividade são capazes de expressar as principais experiências da narrativa e possibilita, pela materialidade linguística, o entendimento dos significados construídos pelo escritor/falante.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional, Metafunção Ideacional, Transitividade, Resenha Fílmica.

ABSTRACT

Language in Systemic-Functional Linguistics contemplates meanings – ideational, interpersonal and textual – materialized in different social contexts. All these meanings are manifested in the linguistic system, underlying three uses of language: representation, interaction and message. This approach realizes that texts can be produced with meanings belonging to a given genre. To this end, this research approaches transitivity through a systemic-functional perspective that observes the sentence and all its grammatical complexity during the production of a text genre. From this perspective, this objective research analyzes the use of transitivity elements – participants, processes and circumstances – that guarantee the representation of the writer/speaker's experiences in film reviews. In this way, we seek to understand how the meanings constructed in Film Reviews lexicogrammatically enable the understanding of the theme and can contribute to the formation of critical readers. The theoretical basis that underpins this research focuses on Systemic-Functional Linguistics within the scope of the Transitivity System, considering the experiential metafunction of language. The research corpus consists of eight cinematic reviews taken from the internet portal Quando Cinema with the theme of identity and adolescence. The choice of film review text genre is due to its narrative and evaluative character. Its themes are covered in reading projects suggested by the Elementary School curriculum proposal. The results show that the cultural context and the situation context guarantee the updating of the theme and the film narrative. And the lexico-grammatical choices of transitivity can express the main experiences of the narrative and possibilities, through linguistic materiality, the understanding of the meanings constructed by the writer/speaker.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics, Ideational Metafunction, Transitivity, Film Review.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APER Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas

BNCC Base Nacional Curricular Comum

EGR Exploração do Gênero Resenha

EF Ensino Fundamental

EPG Estrutura Potencial de Gênero

GSF Gramática Sistêmico-Funcional

LD Livro Didático

LSF Linguística Sistêmico-Funcional

PNLD Plano Nacional do Livro Didático

SAEB Sistema de Avaliação da Educação Brasileira

SAEP Sistema de Avaliação da Educação de Pernambuco

SN Sintagma Nominal

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Recorrência dos processos da Resenha Rei Leão

Gráfico 2: Recorrência dos processos da Resenha “A música acalma as feras”

Gráfico 3: Recorrência dos processos da Resenha “velhos amigos em uma nova jornada”

Gráfico 4: Recorrência dos processos da Resenha “descobrimo o Pequeno Príncipe”

Gráfico 5: Recorrência dos processos da Resenha do filme UP – Altas Aventuras

Gráfico 6: Recorrência dos processos da Resenha “Mais vida, menos *likes*”

Gráfico 7: Recorrência dos processos da Resenha do filme WiFi Ralph – Quebrando a Internet

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A relação entre o contexto de cultura e contexto de situação

Quadro 2: As Metafunções

Quadro 3: Relação entre Sistemas e Metafunções

Quadro 4: Os processos e participantes

Quadro 5: Funcionamento do gênero no contexto de cultura

Quadro 6: Fases do projeto de letramento australiano

Quadro 7: Gêneros e Estágios

Quadro 8: Família de Respostas à Textos

Quadro 9: Etapas da Resenha Fílmica (RF) à luz da LSF

Quadro 10: Movimentos Retóricos da Resenha Fílmica

Quadro 11 – Proposição Didática baseada no Gênero Resenha Fílmica

Quadro 12: Contexto de situação resenha sobre o filme O Rei Leão

Quadro 13: Contexto de situação resenha sobre o filme SING: quem canta seus males espanta

Quadro 14: Contexto de situação resenha sobre o filme Procurando Dory

Quadro 15: Contexto de situação resenha sobre o filme O Pequeno Príncipe

Quadro 16: Contexto de situação resenha sobre o filme UP: Altas Aventuras

Quadro 17: Contexto de situação resenha sobre o filme Modo Avião

Quadro 18: Contexto de situação resenha sobre o filme Wi-Fi Ralph: quebrando a internet

Quadro 19: Etapas da Resenha 1 - O Rei Leão.

Quadro 20: Etapas da Resenha 2 – Sing: quem canta seus males espanta

Quadro 21: Etapas da Resenha 3 - Procurando Dory

Quadro 22: Etapas da Resenha 4 - O Pequeno Príncipe

Quadro 23: Etapas da Resenha 5 - UP Altas Aventuras

Quadro 24: Etapas da Resenha 6 - Modo Avião

Quadro 25: Etapas da Resenha 7 - Wi-fi Ralph: quebrando a internet

Quadro 26: exemplos de processos materiais

Quadro 27: Exemplos de processos relacionais

Quadro 28: Exemplos de processos comportamentais

Quadro 29: Exemplos de processos mentais

Quadro 30: Exemplos de processos mentais

Quadro 31: Exemplos de processos existenciais

Quadro 32: Etapa 01 - Negociação do Campo

Quadro 33: Modelo didático para refletir sobre o contexto de situação em sala de aula

Quadro 34: Modelo didático para refletir sobre as etapas da resenha fílmica

Quadro 35: Agrupando os verbos em grupos de sentidos

Quadro 36: Exercício de análise linguística dos processos em orações da resenha 1

Quadro 37: exercício de substituição lexical, ênfase nos processos

Quadro 38: Exercício de relacionar processos e etapas

Quadro 39: Perguntas motivadoras para construção das etapas de resenhas fílmicas

Quadro 40: Modelo de exercício de identificação de processos em resenhas fílmicas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Níveis de estratificação da Linguagem para LSF

Figura 2: Texto e contexto

Figura 3: Contexto de Situação

Figura 4: Contexto, semântica e léxico-gramática

Figura 5: A gramática da experiência: tipos de processo

Figura 6: Ciclo de Aprendizagem do projeto *Languague and Social Power*

Figura 7: Segundo Ciclo de Aprendizagem do projeto *Languague and Social Power*

Figura 8: Ciclo de Aprendizagem do projeto *Write it Right*

Figura 9: Ciclo de Aprendizagem do projeto *Reading to Learn*

Figura 10: Etapa 01 - Exploração da Resenha Fílmica

Figura 11: APER – Etapas Metodológicos (teoria e prática)

LISTA DE TABELAS / FLUXOGRAMA

Tabela 01: Relação dos Filmes que subsidiarão a seleção do *corpus*

Fluxograma 01: Etapas da APER

SUMÁRIO

Introdução	19
Capítulo I – Olhar para linguagem: a Linguística Sistêmico-Funcional	24
1. A compreensão da linguagem	24
2. Uma visão contextual	26
3. Uma linguística multifuncional e sistêmica	30
4. A metafunção ideacional e o Sistema de Transitividade	32
5. Texto e gênero discursivo para LSF	36
5.1 A definição de gênero discursivo na LSF	37
Capítulo II – O olhar pedagógico da Escola de Sidney: o Ciclo de Ensino e Aprendizagem	40
6. A Escola de Sidney	40
7. O Ciclo de Ensino e Aprendizagem	45
8. O programa <i>Reading to Learn</i> (Ler para Aprender).....	49
Capítulo III – O gênero resenha fílmica	52
9. O gênero resenha fílmica à luz da Escola de Sidney	52
Capítulo IV – O olhar da pesquisa: da abordagem pedagógica à proposição didática	55
10. Abordagem da pesquisa	55
11. <i>Corpus</i> : composição, seleção e critérios de análise	56
12. Proposta de intervenção	57
Capítulo V – Intervenção didática: da análise de resenhas fílmicas a produção de um projeto didático	61

13. Exploração do gênero resenha	61
13.1 Conhecendo o contexto de cultura e situação das resenhas estudadas	61
13.2 Etapas das resenhas	67
13.3 Conhecendo os significados ideacionais nas resenhas estudadas.....	73
14. Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas (APER)	84
14.1 Atividades reflexivas propostas: APER em ação	85
14.1.1 Negociação do campo	86
14.1.2 Preparação para leitura / leitura detalhada	87
14.1.3 Escrita e reescrita conjunta	89
14.1.4 Construção conjunta / ortografia	94
14.1.5 Análise de períodos	95
14.1.6 Preparação para escrita autônoma / Escrita autônoma / Reescrita autônoma.....	97
14.1.7 Publicação do gênero	98
Considerações Finais	99
Referências	101

INTRODUÇÃO

Inserida no programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, este trabalho enquadra-se na linha de pesquisa Estudos da linguagem e Práticas Sociais. Com o objetivo de qualificar a educação básica, em especial o ensino fundamental anos finais, esta pesquisa escolheu contribuir para o ensino da transitividade, sob o enfoque da Linguística Sistêmico Funcional, durante o processo de leitura, produção e compreensão de resenhas críticas de filmes no 8º ano. A princípio, a intenção era realizar e aplicar o que foi desenvolvido neste trabalho na escola pública municipal Poeta Castro Alves, no município de Jaboatão dos Guararapes, PE; contudo com o advento da pandemia da COVID-19 e o hiato de aulas nesta mesma rede pública, além de uma normativa do próprio PROFLETRAS, o viés não mais será interventivo e sim propositivo.

Dentre os estudos funcionalistas, a Linguística Sistêmico Funcional (LSF) tem contribuído bastante no ensino de línguas. Nessa perspectiva, a metalinguagem gramatical dá lugar a uma reflexão do uso, funcional do texto, que em seus contextos de produção se organizam a partir das escolhas léxico-gramaticais.

Pretende-se, dessa forma, contribuir para o ensino da transitividade no 8º ano do Ensino Fundamental, trazendo um diálogo entre a leitura e produção de textos, para isso extrapolamos os limites da gramática normativa e navegamos no funcionalismo proposto por Halliday (2004). A transitividade, portanto, é a compreensão da oração por completo, assim como as escolhas léxico-gramaticais que acontecem no momento da produção de gêneros discursivos. Além disso, almeja-se inovar o ensino buscando uma metodologia-didática de leitura e de escrita, a partir da inclusão do texto audiovisual como recurso metodológico nas aulas de Língua Portuguesa favorecendo a compreensão de aspectos gramático-linguísticos para construção textual.

Com o avanço dos estudos funcionalistas o olhar da escola no ensino de línguas vem mudando. Contudo, observa-se que o plano de ensino da rede municipal Jaboatão dos Guararapes, onde está localizada a escola *locus* da

pesquisa, os livros didáticos, professores desta escola e, conseqüentemente, os alunos baseiam seus trabalhos voltados para metalinguagem gramatical. Para tanto, esta pesquisa se justifica, prioritariamente, pelas razões que seguem: (1) a proposta de ensino de gramática – especificadamente a transitividade, indicada no Livro Didático (LD) Português Linguagens – PNLD 2016; (2) a proposta de ensino de gramática da rede de Jaboatão, que mesmo abordando o ensino de gêneros, o foco de gramática é baseado na Gramática Normativa; (3) a concepção de análise linguística prevista pela BNCC (2018); (4) os resultados de pesquisas desenvolvidas por Neves (1990); (5) o uso da transitividade em resenhas sem construção de significado (pesquisa piloto, 2019); e (6) a ausência de itens que envolvam a transitividade em avaliações externas (SAEB (2019), SAEP (2019)) associada à formação do leitor e escritor no 8º ano do ensino fundamental.

Considerando o livro didático adotado no PNLD (2016), Português Linguagens, os tópicos voltados ao tópico transitividade tange, apenas, a gramática normativa. Já ao aspecto do gênero discursivo proposto nesta pesquisa, a resenha crítica, este manual didático apresenta apenas um tópico voltado à escrita do gênero, de maneira simples e sem muita ligação com o real uso social do gênero.

No Ensino Fundamental – anos finais – a transitividade é amplamente discutida na visão da gramática normativa (GN) que observa apenas a capacidade ou não do verbo necessitar de complemento, não se leva em conta as questões semântico-sintáticas na construção de gêneros textuais. Entende-se ainda que alicerçar o ensino de língua portuguesa nesta concepção apenas não contribuirá em nada para o desenvolvimento de habilidades comunicativas do uso, pois a GN em sua completude, está muito aquém do que é escrito, falado e ouvido nos mais diversos contextos sociais.

A partir BNCC (2018) entendemos que devemos dar a devida relevância à análise linguística dentro dos eixos de leitura, escrita e oralidade, para isso o professor deve, no estudo do gênero textual, observar os aspectos mais relevantes que o estruturam linguisticamente, dentro de cada realidade escolar e necessidades dos alunos. Isso não se comprova na escola atualmente, o livro

didático da turma em análise traz tópicos de gramática normativa, chamada por ele reflexiva, e quanto ao estudo da transitividade e do verbo a reflexão sobre o uso dentro do texto, não é notado.

A aula de português com essa prática fomentará o que Travaglia (2004) chama de educação linguística, o professor e o aluno estarão na busca de refletir acerca dos usos da língua e como os diversos fatores linguísticos (sociais, pragmáticos, contextuais, entre outros) influenciarão na produção e recepção de textos. Nessa perspectiva, Neves (2010) decorre sobre uma pesquisa realizada e expõe os conteúdos gramaticais mais trabalhados na sala de aula. O 6º e 13º colocados estão ligados diretamente ao ensino do verbo, o primeiro quando a classificar o verbo quanto sua transitividade, e o seguinte quanto a flexionar os verbos. Fato que mostra que o verbo acaba se tornando na escola uma “pedra” no caminho do professor, por, morfológicamente, ser a classe gramatical que mais sofre variações e, sintaticamente, é papel central nos estudos oracionais. Visões que a gramática normativa descreve com maestria e que estão dispostos em tais compêndios para acesso do aluno.

A minha experiência com professor do Ensino Fundamental tem demonstrado que essa forma, ainda tão vista na escola, parece ser marcada por uma visão estruturalista de língua, tem deixado de lado as funções sociais que os verbos podem estabelecer nas orações e que serão cruciais nas interações no uso dos mais diversos gêneros textuais. Para isso, entendemos que a metalinguagem gramatical precisa dar lugar a uma abordagem sistêmico-funcional que entenda a linguagem como um conjunto de práticas sociais, manifestadas através das experiências do sujeito por intermédio da língua, da cultura e do contexto.

Outro fato que nos chama atenção são as avaliações externas no Ensino Fundamental, principalmente, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Essas avaliações apontam uma realidade na educação pública brasileira com um pouco precário na leitura dos estudantes, mas sinalizam descritores de ensino que podem ser estudados à luz de diferentes estudos da linguagem, tais como: D 3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; D 12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros; D 14 – Distinguir um fato da opinião

relativa a este fato; D 15 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.; D 18 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão; D 19 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos; D 20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

Dessa forma, este estudo se justifica, potencialmente, por três razões: (1) pouca existência na escola de estratégias metodológicas significativas que viabilizam a formação do leitor, considerando que envolve a cultura e temática do cotidiano dos estudantes; pouca existência de ensino de uso da língua em contextos sociais diversos; (2) ensino precário de língua que promova a leitura e a produção de textos, dialogando com a sintaxe e a semântica; (3) pouca valorização nas aulas de leitura e de escrita de textos audiovisuais e culturais, tanto em projetos de leitura quanto no Livro Didático.

Assim, compreendemos que ensinar a língua portuguesa na escola básica, especificamente, no Ensino Fundamental, em pleno século XXI, é um grande desafio para o professor tanto já graduado quanto em fase de formação. Diante de tantas manifestações da linguagem e as várias formas que academicamente se analisa tais manifestações. Muitas vezes, nos perdemos em caminhos tortuosos e sem sentidos.

Sendo assim, este presente estudo objetiva de investigar o uso de elementos da transitividade em resenhas fílmicas sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional no intuito de promover um Projeto Didático com foco na formação do leitor e do escritor. Justificando-se a partir da necessidade de ampliar, no ensino de Língua Portuguesa, os estudos do Sistema de Transitividade, já que a visão da gramática normativa ainda é preponderante tanto nos livros didáticos, como na visão dos professores. Por isso deseja-se também analisar os elementos de transitividade em resenhas fílmicas publicadas no portal da internet *Adoro Cinema*, mapear os elementos de transitividade mais recorrentes, com foco nos processos, assim como propor um Ciclo de Ensino e

Aprendizagem que comporte exercícios de reflexão linguística, leitura e escrita textual.

Vista assim, de forma estrutural, a transitividade limita-se ao nível da análise da oração, deixando de lado o principal objetivo do ensino de língua: leitura, produção de texto e análise linguística de gêneros discursivos. Esse fato nos leva a pensar nas seguintes inquietações: Será que alunos no 8º ano do EF conhecem os elementos de transitividade que usamos na produção de textos? Será que alunos no 8º ano do EF sabem construir significados em textos escritos, consideração o uso dos elementos da oração? Será que alunos no 8º ano do EF compreendem a informação de textos, consideração o uso dos elementos da oração? Será que o ensino de elementos da oração em sala de aula promove a leitura (compreensão) de resenhas e possibilita o entendimento de um texto audiovisual (filme, por exemplo)?

Para atender a tais objetivos e responder aos questionamentos esta dissertação apresenta inicialmente o olhar da teoria basilar, a Linguística Sistêmico-Funcional, e as contribuições que a Escola de Sidney deu a esta mesma teoria. Em seguida discorreremos quanto ao gênero estudado, a resenha fílmica. Por conseguinte, o andar metodológico da pesquisa é apresentado assim como nossa proposta de intervenção pedagógica.

CAPÍTULO I:

OLHAR PARA LINGUAGEM: LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A Linguística Sistêmico Funcional (LSF) é a principal base teórica dos estudos que serão desenvolvidos e aplicados nesta pesquisa. Para tanto, neste capítulo deixamos claro os intuitos teóricos desta corrente linguística, assim como o de seu sistema de transitividade da metafunção ideacional. Tais explanações serão basilares para a posterior análise de debate do *corpus*.

1. A compreensão da linguagem

A LSF é uma das correntes dos estudos do Funcionalismo Linguístico que, diferenciando-se do estruturalismo, baseia-se na língua em uso, Pezatti (2011, p. 168), situando os direcionamentos dos estudos funcionais, explica que

A Linguística Funcional, por seu lado encontra bases explanatórias na função que exercem as unidades estruturais e em processos diacrônicos recorrentes que têm, em sua maioria, motivação funcional. A linguagem é vista como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções, que são em última análise, comunicativas.

Princípios estes fizeram Halliday (1994) o mentor inicial de um grande trabalho que logo em seguida seria abraçado por vários pesquisadores da área: a Gramática Sistêmico Funcional (GSF). Contudo, perguntamos: por que sistêmica e por que funcional? Cabral e Fuzer (2014), em um brilhante trabalho sobre abordagem da GSF para a língua portuguesa, explicam epistemologicamente que

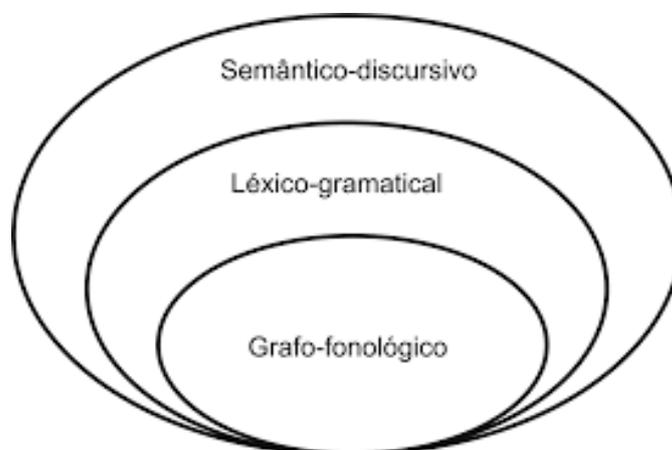
Ela é sistêmica porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. [...] É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos. (CABRAL; FUZER. 2014, p. 19)

Estes sistemas interligados citados pelas autoras formam a organização da estratificação de linguagem pela LSF, com base em Halliday (2002). Isso quer dizer que mais de um nível/estrato constroem ao mesmo tempo e de modo paradigmático (das escolhas feitas) o que é compreendido como linguagem nesta corrente linguística. Estes estratos são

- I. O semântico-discursivo: é o nível mais alto segundo Martin (1992), o texto é a unidade de análise.
- II. A léxico-gramática: é o nível intermediário, a unidade de análise é a oração.
- III. O grafo-fonológico: é o primeiro nível, a unidade de análise são os sons e letras.

Graficamente, pode-se explicar essa estratificação na seguinte figura:

Figura 1: Níveis de estratificação da Linguagem para LSF



Fonte: Adaptado de Halliday (2002)

Por estes estratos ocorrerem simultaneamente durante o uso da linguagem, a LSF os entende como “um sistema semiótico social e um dos sistemas de significados que compõem a cultura humana” (SILVA-BARBOSA, 2009, p. 25). Não obstante, além dos fatores linguísticos mencionados existem fatores extralinguísticos que atuam socialmente para a produção semiótica da linguagem, fatores contextuais pragmáticos, de gênero discursivo e do discurso.

Por isso a usamos para diversos contextos de construções sociais de sentidos, como: pensar, pedir, dar uma informação, entender um comando, entre vários outros. Partindo desta concepção Sá (2016, p. 29) ainda explica que

Observa-se então uma relação de realização entre os estratos: o significado construído na semântica é realizado pela gramática, que é realizado pela fonologia, que é realizado pela fonética. Os estratos ainda podem ser organizados de forma a realizar um outro estrato mais geral: o contexto. Assim, o contexto é realizado por padrões semânticos, que é realizado por padrões léxico-gramaticais, etc.

No nível de descrição linguística é imprescindível a compreensão da estratificação da linguagem para LSF, isto comprova que o que se tem nesta vertente de estudos é uma perspectiva verdadeiramente sistêmica. Os estudos de Halliday nos levam a entender como em cada plano da linguagem existem relações: “plano grafo e fonológico –, a estruturação/composição do dizer – plano lexicogramatical – e a comunicação em si – a construção de sentidos” (ARAÚJO, 2016, p. 34).

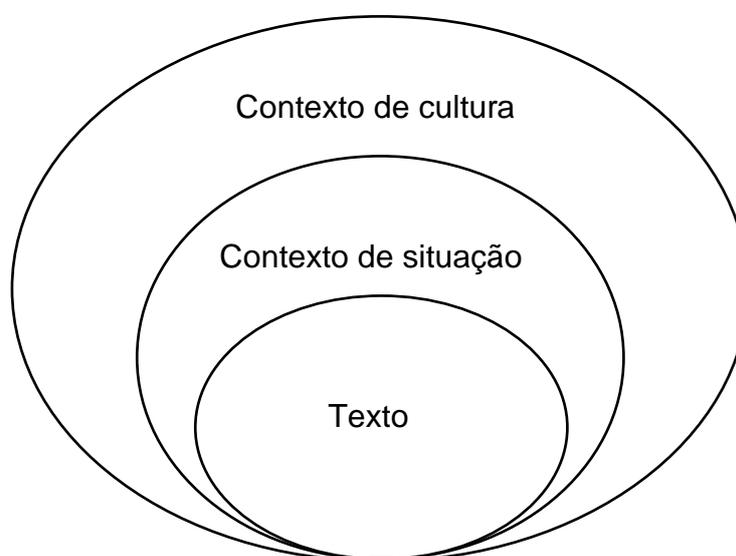
2. Uma visão contextual

Os pressupostos da LSF entendem que a linguagem, seja ela em qual dimensão for, só pode ser concretizada através de textos (Halliday e Matthissen, 2004). Ao receber ou produzir um texto levamos em conta a experiência semântica do sujeito, que constrói e reconstrói significados. Para atingir esse objetivo a LSF explica que existem dois contextos que alicerçam a existência do texto: o de cultura e o de situação. Como afirmam Cabral e Fuzer (2014):

O texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido, dentro do qual seria, provavelmente, considerado apropriado. Texto e contexto estão inter-relacionados, de modo que o texto reflete influências do contexto em que é produzido, na medida que variáveis do contexto de situação atuam sobre a configuração. (p. 27)

O contexto de cultura seriam, então, todas as práticas sociais, as ideologias, por exemplo. O texto é, então, um constructo da união dos dois contextos, de um lado o de cultura, abrangendo as necessidades sociais de uso da linguagem, e de outro o de situação, que abarca consigo fatores linguísticos e semânticos que configura que a LSF chama de registro. Cabral e Fuzer (2014), ilustram essa relação de interdependência dos contextos e do texto na figura 3:

Figura 2: Texto e contexto



Fonte: CABRAL; FUZER, 2014, p. 26

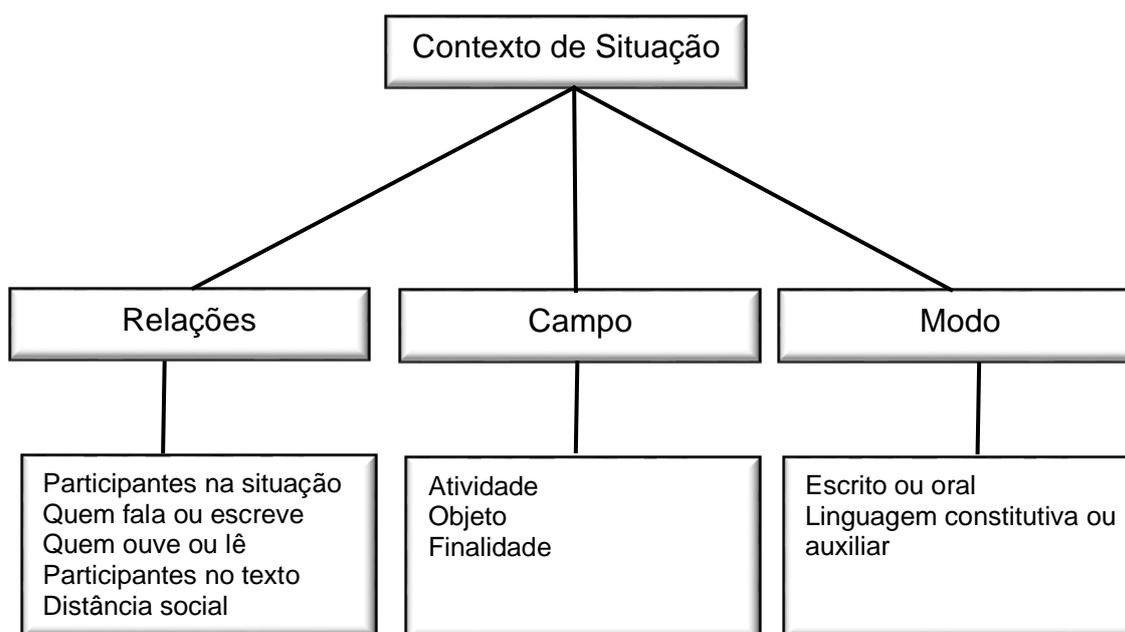
A posição gráfica de cada contexto em relação ao texto pode ser explicada da seguinte maneira: no contexto de cultura temos as práticas sociais que são compartilhadas pelos indivíduos, pois este contexto está ligado à construção de significados coletivos, sociais, institucionais que podem ser partilhados por um grupo em específico ou até mesmo uma sociedade (SOUZA, 2016). Já no contexto de situação temos questões variacionais da língua, cada interação é única e é por isso que “diferentes leituras são possíveis tendo como base o contexto de situação dos enunciados, logo, cada situação vivida por cada falante varia e com isso a linguagem também tende a variar” (SOUZA, 2016, p. 37).

Os contextos de cultura e situação estão ligados aos estrados da linguagem, complementando-os e ocorrendo de maneira simultânea. Halliday e Matthiessen (2004) explicam que nossas escolhas léxico-gramaticais estão relacionadas principalmente ao contexto de situação, que se realiza através do Registro, que “é, portanto, a configuração de significados que acontece por causa da situação” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 25). Assim, Registro e contexto de situação marcam as escolhas que e como serão realizadas pelo usuário da língua no momento da interação. Haja vista sua característica variacional Halliday (1994) estratifica o contexto de situação em três variáveis: campo, relação e modo, Cunha e Souza (2011) entendem que

Campo diz respeito à natureza da prática social; corresponde ao que é dito ou escrito sobre algo; é a atividade que está acontecendo. *Relação* diz respeito à natureza do envolvimento entre os participantes da situação, que pode ser formal ou informal, mas afetiva e menos afetiva. *Modo*, refere-se ao meio, ou canal, de transmissão da mensagem. (p. 26)

Estas três variáveis acontecem ao mesmo tempo em qualquer texto, de maneira mais clara, o esquema abaixo de Halliday e Hasan (1989) melhor explica como compreender o que é cada variante do contexto de situação:

Figura 3: Contexto de Situação



Fonte: Baseado em HALLIDAY; HASAN, 1989

Estas variações projetam diferenças linguísticas na hora de interagir com o texto isso demandará escolhas léxico-gramaticais também distintas. Para GSF a distinção de modo, campo e relação cria sistemas linguísticos chamados de metafunções, cada uma com um propósito específico, com o intuito da descrição linguística, e com sistemas bem estruturados.

Em resumo, Neves (2018) ao discutir sobre a abordagem da GSF de Halliday e os contextos de situação e cultura, cria um quadro comparativo. Nele, podemos observar definições teóricas que discutem os conceitos com base na LSF. Para a autora, os dois contextos são de extrema importância na compreensão da linguagem humana, para ela “com a análise de ambos compreende-se de que modo os indivíduos usam a linguagem” (NEVES, 2018, p. 69).

Quadro 1: A relação entre o contexto de cultura e contexto de situação

CONTEXTO DE SITUAÇÃO	CONTEXTO DE CULTURA
Mais particular e restrito: concretiza a comunicação em um determinado ambiente.	Mais abstrato e geral (Eggins, 1994): é a parte de um sistema social (Halliday, 1978)
“Real”: constitui o modo como se efetivam as possibilidades na língua.	“Potencial” (Halliday, 1973a): constitui as possibilidades de produção de sentido na língua (Halliday, 1978).
Ambiente em que se faz a seleção das possibilidades de uso.	Ambiente de desenvolvimento das diversas possibilidades de uso linguístico disponíveis (Halliday e Hasan, 1989).
Associação com o registro: liga o texto e seu microtexto.	Associação com o gênero (Eggins, 1994): liga texto e macontexto (House, 2001).

Fonte: NEVES, 2018, p. 69

Quanto ainda os papéis funcionais de cada contexto Neves (2018) entende que um está mais ligado à concepção de gêneros, o de cultura, e o outro a concepção de registro, o de situação. A autora elucida ainda os conceitos Hallidayanos de potencial e real, explicando o primeiro está relacionado ao contexto de cultura no tangente às possibilidades; e o segundo está relacionado ao contexto de situação, no tangente às escolhas que podem ser feitas entre as possibilidades. Confirmando assim o caráter paradigmático da teoria.

3. Uma linguística multifuncional e sistêmica

Outro conceito importante para a teoria sistêmico-funcional é o das metafunções e os sistemas a elas atrelados. Vamos aqui levantar as principais discussões acerca desses aspectos e no próximo item da dissertação aprofundaremos a metafunção ideacional e o sistema de transitividade, base desta pesquisa.

São três metafunções existentes, cada uma se relaciona diretamente com uma variante do contexto de situação, por serem modelos linguísticos inerentes a língua em todos seus contextos de usos, ou seja, na produção efetiva de textos. O quadro a seguir explica o objetivo e a relação com as variantes do contexto de situação de cada uma delas:

Quadro 2: As Metafunções

Metafunção	Variante do Contexto de Situação / Objetivo
Ideacional	Campo / Compreender o meio.
Interpessoal	Relação / Relacionar-se com os outros.
Textual	Modo / Organizar a informação.

Fonte: Adaptada de CABRAL; FUZER, 2014

As metafunções estruturam-se em partes que vão desde o gráfico-fonológico, passam pela léxico-gramática até chegar ao nível semântico-pragmático. Elas possibilitam “a organização gramatical das línguas naturais, construindo experiências, negociando as relações e organizando a língua de maneira que realize uma mensagem satisfatória” (SILVA-BARBOSA, 2009, p. 43).

A GSF tem a oração como unidade básica de análise, quando ao analisar o discurso tomamos como base um viés sistêmico-funcional o objeto de estudo será a oração e sua construção semântica. Com base em Araújo (2016) A tríade das metafunções acontecem simultaneamente, pois toda oração advém de uma representação (conteúdo), uma troca (interlocução/troca) e uma mensagem (contexto).

Cada metafunção organiza-se em estruturas léxico-gramaticais próprias e criam seus próprios sistemas de análise, temos, portanto, a seguinte relação: o contexto de cultura realiza-se no registro; a semântica, nas metafunções; e a léxico-gramática nos sistemas. Os sistemas estão relacionados a cada metafunção e conseqüentemente a cada registro do contexto de cultura. Neves (2018, p. 73) elucida que “as diferentes redes sistêmicas codificam diferentes espécies de significado, ligando-se, pois, a diferentes funções da linguagem”. Para isso a teoria sistêmico-funcional define os sistemas de transitividade, modo e tema.

Quadro 3: Relação entre Sistemas e Metafunções

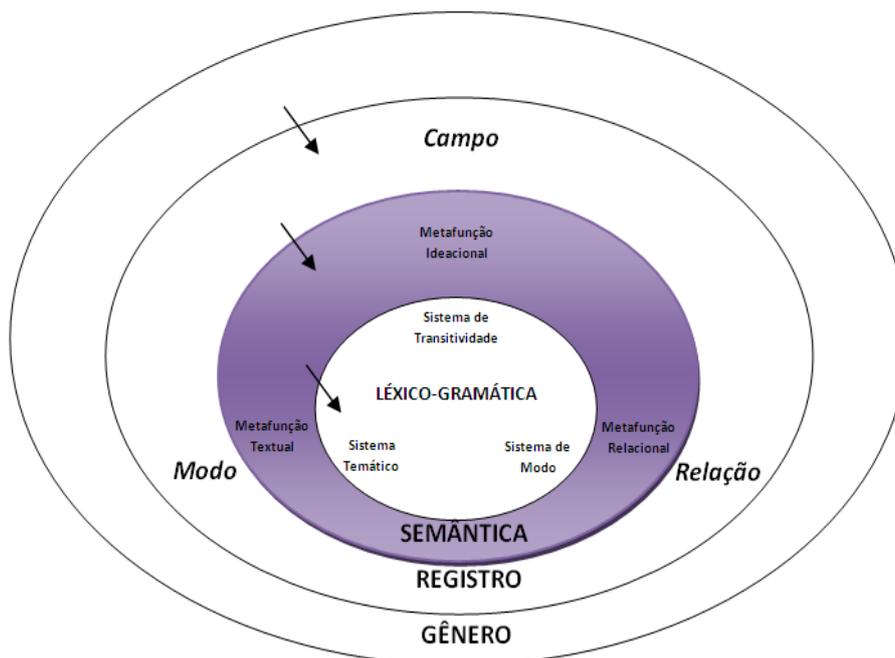
SISTEMA ↔ METAFUNÇÃO		ESPECIFICAÇÃO	CODIFICAÇÃO
Transitividade	Ideacional	Papéis (ator, meta, etc.)	Representação do mundo
Modo (modalidade)	Interpessoal	Funções (sujeito, etc.)	Troca
Tema (informação)	Textual	Relações (dentro do enunciado; entre o enunciado e situação)	Mensagem

Fonte: Adaptado de Neves, 2018, p. 74

Os sistemas supracitados no quadro 3 acontecem no nível oracional através das escolhas de palavras, e conseqüentemente de estruturas gramaticais que são usadas pelo usuário de uma língua para a produção de significados. Essa relação das funções com os sistemas é primordial para compreensão do que seja a GSF, pois, sendo uma gramática de cunho semântico-pragmático, analisar-se-á as experiências no nível ideacional (transitividade); a interação no nível relacional (modo); e a organização da mensagem no nível textual (tema) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Para finalizar as relações existentes entre as metafunções, sistemas e o registro, Eggins (2004), seguindo o mesmo pensamento de Halliday, entende e defende que os significados da língua são formados desta relação. A figura abaixo é a prova que a harmonia dos sistemas, funções e registro cumprem seu papel principal, isto é, a produção de textos que se materializam gêneros.

Figura 4: Contexto, semântica e léxico-gramática



Fonte: Traduzido de EGGINS, 2004, p. 112

Eggs (2004, p. 111) corrobora que “a linguagem se estrutura a fim de criar esses três tipos de significados, porque encontramos na léxico-gramática os principais recursos gramaticais da transitividade, complexo oracional, tema e modo”¹. Para explicar essa relação, a autora cria uma imagem (figura 5) que encaixa todas as estruturas que alicerçam a teoria da LSF adicionando o lugar das metafunções e seus sistemas da realização léxico-gramatical, mostrando que tudo acontece ao mesmo tempo e que tais divisões, teóricas, servem como objetos de análises.

4. A metafunção ideacional e o sistema de transitividade

Compreender a metafunção ideacional e o sistema de transitividade é um ponto chave nesta pesquisa. É muito comum designar o termo transitividade ao

¹ Tradução nossa para: We can see that language is structured to make these three kinds of meanings because we find in the lexico-grammar the main grammatical resources of Transitivity, Clause Complex, Theme and Mood.

que é proposto pela Gramática Normativa (GN), que está associada a predicação nos estudos da sintaxe. Geralmente o termo aparece no bloco de sintaxe da predicação, Cunha e Cintra explanam que “verbos significativos são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 149); antes ainda eles definem que “o PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 146).

É importante observar que a abordagem da GN centraliza o a capacidade ou não do verbo de ter complementos, intransitivo ou transitivo, e a capacidade do verbo “estabelecer a união entre duas palavras ou expressão de caráter nominal” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 147), de ligação. No entanto, e quanto ao uso? Quais motivos levam a escolha de um verbo ou estrutura verbal em detrimento de outra? Tais questionamentos podem ser explicados a partir da metafunção ideacional e o sistema de transitividade que extrapolam o conceito de transitividade que é proposto na GN e em diversos materiais didáticos que as escolas recebem para uso no componente curricular de Língua Portuguesa.

Para a LSF, como já visto, a linguagem e, conseqüentemente, a língua são usadas para externar as percepções individuais/coletivas do mundo/realidade que nos cerca. Pode-se dizer, então, que a língua é usada para representar nossas experiências. Observando isso, Halliday (1994) teoriza que a metafunção ideacional “trata do uso da língua como representação, servindo para manifestações sobre o mundo, destacando como ele é percebido, sentido, experienciado e representado” (ALMEIDA; 2010; p. 27).

Quando se é feita uma relação da metafunção ideacional com o contexto de situação percebe-se uma ligação com o que a GSF chama de *campo*, pois é nele que externamos nossas experiências. Daí esta metafunção além de ser chamada de ideacional é chamada de experiencial (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008).

A GSF divide esta metafunção em dois componentes: o experiencial e o lógico. O primeiro corresponde às escolhas léxico-gramaticais responsáveis por representar as experiências, já o segundo observa que “a experiência se

constitui de lembranças, relações, reflexões e estados de espírito que se verificam no nível da consciência” (CABRAL; FUZER; 2014; p. 39).

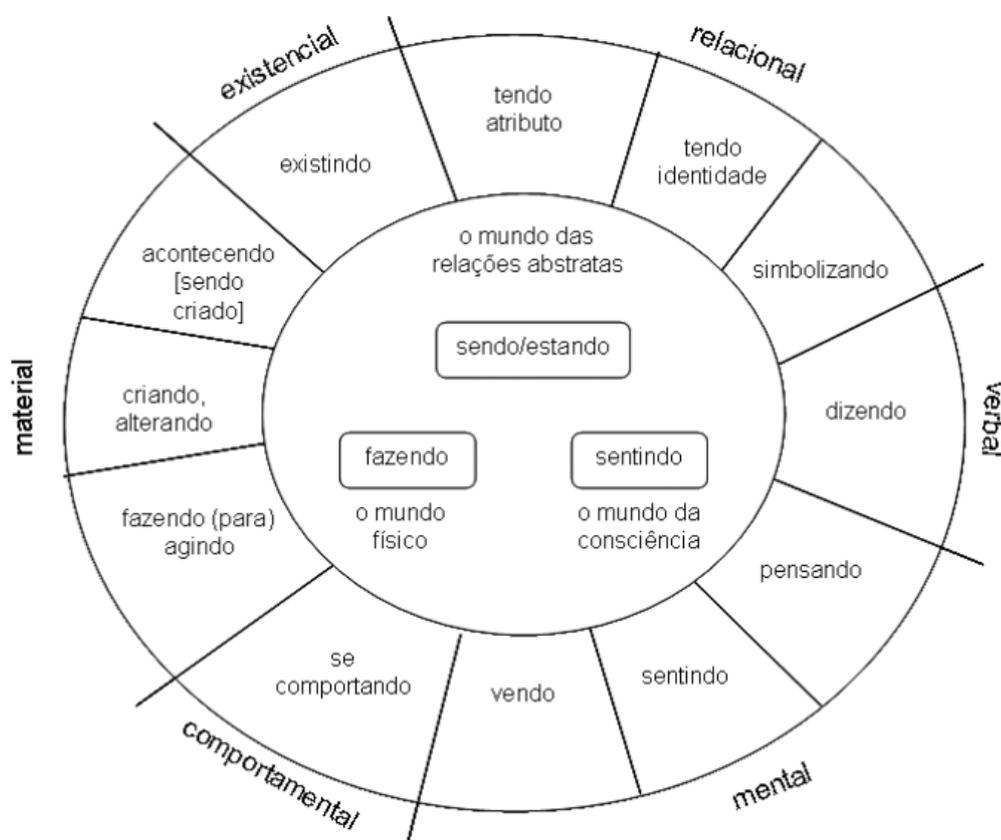
A GSF procura, portanto, entender como as escolhas léxico-gramaticais estão relacionadas com o *campo*. Para isso é necessário o estudo do Sistema de Transitividade.

Ao estudar este sistema observa-se um ponto chave de distanciamento com o formalismo sassuriano: enquanto lá se prepondera os estudos sintagmáticos (estruturais), na LSF preponderam-se o estudo das escolhas, do paradigma. Cunha e Souza (2011, p.24) explicam que “uma gramática sistêmica é, sobretudo, paradigmática, isto é, considera as unidades sintagmáticas apenas como realizações linguísticas e as relações paradigmáticas como o nível profundo e abstrato da linguagem”.

O Sistema de Transitividade observa três acontecimentos oracionais: os processos (verbos), os participantes (sintagmas nominais - SN) e as circunstâncias (sintagmas adverbiais). Estes acontecimentos, na oração, são responsáveis por externarem, por meio da linguagem, nossa experiência do mundo.

Dentre os acontecimentos oracionais os processos recebem no Sistema de Transitividade um maior destaque, pois “são os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir; realizam-se através de sintagmas verbais” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 68). Por esse motivo eles são divididos em tipos, sendo três principais (os materiais, os mentais e os relacionais) e três secundários (os comportamentais, os verbais e os existenciais). A Figura 6, abaixo, explica, semanticamente, os limites de cada processo.

Figura 5: A gramática da experiência: tipos de processo



Fonte: Adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 172, por CUNHA; SOUZA, 2011, p. 70

Como processos são considerados o centro da oração a eles podem ser associados participantes, que são “os elementos envolvidos com os processos, de forma obrigatória ou não, que se realizam por meio de SNs” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 28); e ainda as circunstâncias, que se manifestam por meio de advérbios ou sintagmas adverbiais. A cada processo a GSF designa uma classificação diferente de participantes, sempre com base nos aspectos semânticos, o quadro a seguir nos mostra essa classificação e exemplos de verbos que podem, algumas vezes a depender do contexto, realizar-se em cada processo.

Quadro 4: Os processos e participantes

Tipos de processo	Significado da categoria	Participantes	Exemplos de verbos
Material Transformativo Criativo	Fazer Acontecer	Ator Meta Escopo Beneficiário Atributo	Comprar, vender, mexer, pintar, cortar, quebrar, riscar, limpar, sujar, bater, matar
Mental Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	Perceber Pensar Sentir Desejar	Experenciador Fenômeno	Perceber, ver, ouvir, lembrar, esquecer, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer
Relacional Intensivo Possessivo Circunstancial	Caracterizar Identificar	Portador Atributo Identificado Identificador	Ser (otimista) Ser (o presidente) Estar (em paz) Ter (livros)
Comportamental	Comportar-se	Comportante Comportamento	Rir, chorar, dormir, cantar, dançar, bocejar
Verbal	Dizer	Dizente Verbiagem Receptor Alvo	Dizer, perguntar, responder, contar, relatar, explicar
Existencial	Existir	Existente	Haver, existir

Fonte: Adaptado de CABRAL; FUZER, 2014

5. TEXTO E GÊNERO DISCURSIVO PARA LSF

Nesta etapa abordamos, primeiramente, uma visão mais geral da teoria de texto e gênero discursivo para a LSF. Em seguida, explanamos o olhar pedagógico que a Escola de Sidney cria para a abordagem de gêneros discursivos, tal compreensão é basilar para os conceitos do Ciclo de Ensino e Aprendizagem, no qual trataremos na sessão seguinte desta dissertação.

5.1 A definição de gênero discursivo na LSF

A LSF ao se apresentar como uma teoria de ação social que abrange a complexa vida em sociedade, estratifica-se como uma teoria de linguagem semiótico-social preocupada em entender as mudanças sociais em seus diversos extratos (contextos). A noção de texto dessa corrente linguística se inicia com Halliday. Contudo, seus seguidores e propulsores teóricos da chamada Escola de Sidney, guiados por Martin, definem que

qualquer texto envolve um conjunto de escolhas quanto a campo, relações e modo, que são as condições do contexto de situação; e, ao mesmo tempo, o texto é uma instância do gênero, cuja escolha é uma condição do contexto de cultura, sendo concebidos como tipos de texto. (SILVA; 2018, p. 311).

A partir desse pensamento é cabível dizer que texto e gênero discursivo não existem um sem o outro. Vian Jr aponta Martin como teórico principal para o conceito de gênero do discurso, segundo ele as obras do autor “ilustram como o conceito é trabalhado pela perspectiva da LSF na pedagogia de gêneros proposta pela Escola de Sidney” (VIAN JR, 2019, p. 45)

Compreendidos dentro do contexto de cultura, os gêneros discursivos são produtos sociais usados para interação humana em sociedade. Assim, concordamos com Vian Jr (2018, p. 45) ao dizer que

gênero discursivo é uma atividade com um propósito, direcionada para um objetivo e organizada em estágios na qual os falantes se envolvem como membros de uma cultura. [...] Martin define gêneros como as maneiras pelas quais fazemos as coisas, quando a linguagem é usada para desempenhá-las.

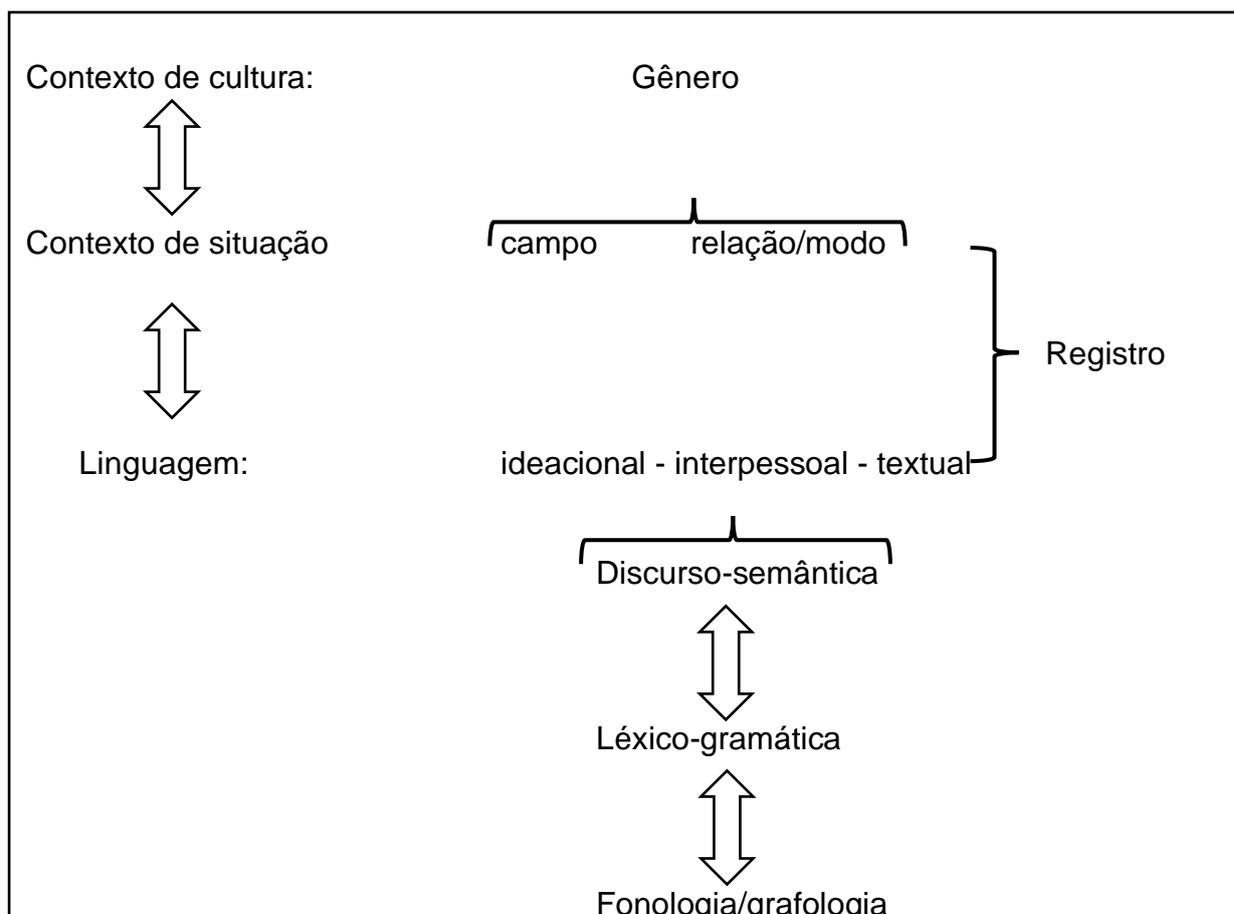
O gênero discursivo é, então, visto pelo seu viés social-funcional, pois o contexto em que o texto é produzido e os aspectos linguísticos andam lado a lado. O que ajudou de certa forma a esta visão de gênero ser usada pela Escola de Sidney como instrumento pedagógico, nela gênero, registro e língua (estrutura) são levados em conta, um complementando o outro ao mesmo tempo.

O quadro a seguir exemplifica como os conceitos da LSF elucidados até aqui estão relacionados ao conceito de gênero discursivo. Estando atrelado ao contexto de cultura o gênero necessita do registro, assim portanto atrelado ao

contexto de situação, e por conseguinte capaz de sofrer variações. Para Martin (1997), citado por Bawarshi e Reiff,

Nesse modelo, os gêneros ligam a cultura à situação e o registro lia a situação a linguagem ou, como explica Martin, “o registro (abrangendo campo, relação e modo) contextualiza a linguagem e, por sua vez, é contextualizado pelo gênero”. BAWARSHI; REIFF (2013, p. 51)

Quadro 5: Funcionamento do gênero no contexto de cultura



Fonte: BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 51

Outro aspecto importante para a discussão aqui realizada é quanto à capacidade variacional dos gêneros discursivos, pois segundo Bakhtin (2011, p. 262) “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gênero do discurso*” (grifos nossos). Na LSF, Hassan (1995) vai entender que existe uma Estrutura Potencial

de Gênero (EPG), essa estrutura seria a capacidade do gênero discursivo variar, contudo seguindo a padrões que o autor teoriza na EPG.

CAPITULO II:

O OLHAR PEDAGÓGICO DA ESCOLA DE SIDNEY: O CICLO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os estudos sobre gêneros discursivos, no Brasil, em sua grande maioria das vezes têm implicações pedagógicas, principalmente no que tange à análise dos documentos institucionais de ensino, como a BNCC. O olhar para escola, para o ensino de língua também é uma grande preocupação nesta vertente dos estudos da LSF. Neste capítulo tecemos considerações relevantes sobre a importância pedagógica da Escola de Sidney, sua Pedagogia de Gêneros e o Ciclo de Ensino e Aprendizagem, assim como o projeto *Reading to Learn* apreço que recebe tópico de destaque, pois será contemplado no percurso metodológico desta dissertação.

6. A Escola de Sidney

A chamada “Escola de Sidney” foi um movimento linguístico-pedagógico em que pesquisadores do Departamento de Linguística da Universidade de Sidney visavam ampliar as práticas de letramento² da educação básica Austrália nos anos de 1980. Era perceptível à época a exclusão social e a necessidade de um ensino de língua que pudesse atingir todos os estratos sociais.

De acordo com Oliveira e Silva (2017), Joan Rhotery, Frances Christie e Jim Martin foram os orientadores basilares deste grupo de pesquisa. Dentre eles, Martin, foi o que teve um olhar mais delicado para as exclusões educacionais que sofriam, principalmente, os imigrantes aborígenes, que eram extratos da sociedade excluídos e marginalizada.

² Entendemos aqui como práticas de letramento(s) como “os modos culturais gerais pelos quais as pessoas usam o letramento. As práticas de letramento envolvem eventos de letramento, que são as ocasiões empíricas em que ocorrem as atividades de leitura, escrita ou fala” (RIOS, 2014, p. 178).

A necessidade de empoderar tal parcela da sociedade fez-se surgir a necessidade de uma escola e um projeto de ensino de língua que desse igualdade de direitos. Baseando-se nos pressupostos da GSF de Halliday e nos conceitos de gênero discursivo da LSF concebeu-se a chamada *Pedagogia de Gêneros*.

A Pedagogia de Gêneros delimitou famílias de gêneros que deveriam ser trabalhadas com os alunos australianos nas duas etapas do ensino fundamental, o que chamamos no Brasil de anos iniciais e anos finais. De acordo com Martin e Rose (2012), este modelo de ensino de língua realiza-se na solução de situações-problemas, o professor e o aluno construirão juntos para ampliarem a capacidade de uso da língua nas mais diversas situações comunicativas, ou seja, os mais diversos gêneros discursivos.

O principal objetivo da Pedagogia de Gêneros é, portanto, preparar os professores para que eles sejam capazes de fazer com que seus alunos leiam e escrevam com autonomia. Caberá sempre ao professor a atitude mediadora do processo, realizando escritas conjuntas e individuais. Para isso, além de Halliday, os estudos sociológicos de Bersntein e de gêneros discursivos de Martin e Rose completam a base desta teoria.

O projeto de letramento australiano (OLIVEIRA; SILVA, 2017) dividiu-se em três fases, elas desenham a evolução de um pensamento pedagógico em que o ensino de gêneros discursivos e as práticas de letramento pudessem cada vez mais atingir a todos. Do mapeamento de gêneros à produção de metodologias de ensino, os chamados 'ciclos de ensino e aprendizagem', que serão abordados no próximo tópico, cada fase teve sua importância e objetivo na busca de um ensino de língua cada vez mais igualitário. O quadro abaixo resume cada fase (projetos), o período em quem foi produzido, os principais pesquisadores e suas respectivas instituições e os objetivos de cada um.

Quadro 6: Fases do projeto de letramento australiano

Projetos	Período	Pesquisadores e instituições	Objetivos
<i>Writing Project</i> (Projeto Escrita)	(1980-1985)	Jim Martin e Joan Rothery – professores de escolas de anos iniciais	Sistematização dos gêneros escolares e o desenho da pedagogia de gêneros.
<i>Language and Power</i> (Linguagem e Poder)	(1985-1990)	Jim Martine Joan Rothery – <i>New South Wales Disadvantaged Schools</i>	Inclusão de alunos que não tinham inglês como língua materna.
<i>Write it Right</i> (Escreva Certo)	(1990-1995)	Jim Martin e Joan Rothery – <i>Disadvantaged Schools Programme</i>	Extensão do projeto de letramento à escola secundária e ao mundo do trabalho: setores da indústria, da comunicação e da administração.
<i>Reading to Learn</i> (Ler para Aprender)	(1995-dias atuais)	Jim Martin e David Rose – Universidade de Sidney	Integração de práticas de letramento na aprendizagem de disciplinas do currículo escolar.

Fonte: OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 261

Como esse projeto se dedica ao ensino fundamental anos finais, é o mapeamento dos gêneros *Reading to Learn* (Ler para Aprender) que se torna mais relevante. “A função deste mapa é fornecer aos professores uma visão geral das tarefas pra as quais eles devem preparar os alunos”³ (MARTIN; ROSE, 2012, p. 128). Ainda segundo os autores, quando o professor compreende a taxonomia abordada neste mapeamento a construção do conhecimento se dará de forma intuitiva, facilitando o processo de ensino e aprendizagem (MARTIN; ROSE, 2012), ou seja, é necessário estudo e preparo do professor para o trabalho com os gêneros discursivos propostos pela teoria.

O objetivo do programa Ler para Aprender é guiar os professores a refletirem sobre práticas de letramentos, para isso

³ Tradução nossa de “The function of this map is to provide teachers with an overview of the tasks they need to prepare to their students for”.

os gêneros que circulam na escola apresentam alguns propósitos comuns como explicar um fenômeno natural ou social, classificar e descrever coisas, instruir saber como fazer uma atividade, relatar eventos, envolver leitores pela solução de uma complicação ou persuadi-los por defender um ponto de vista (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 266).

Os gêneros do discurso são descritos em fases delimitadas a partir de famílias de gêneros, a tabela que segue traz consigo quais são tais famílias, os gêneros discursivos, os propósitos comunicativos e as etapas.

Quadro 7: Gêneros e Estágios

	Gênero	Propósito	Etapas
Estórias	Relato	Contar eventos	Orientação Registro de eventos
	Narrativa	Resolver uma complicação	Orientação Complicação Resolução
	Exemplo	Julgar caráter ou comportamento	Orientação Incidente Interpretação
	Episódio	Compartilhar uma relação emocional	Orientação Evento notável Reação
	Observação	Comentar sobre um evento	Orientação Descrição do evento Comentário
	Notícia	Relatar eventos atuais	Lead Ângulos
Registro cronológico	Autobiografia	Relatar eventos da própria vida	Orientação Registro de etapas
	Biografia	Relatar etapas da vida de outrem	Orientação Registro de etapas Background Registro de etapas
	Relato histórico		Background Explicação de etapas

	Explicação teórica	Relatar etapas da históricas Explicar etapas históricas	
Explicações	Explicação sequencial Explicação condicional Explicação fatorial Explicação consequência	Explicar uma sequência Causas e efeitos alternativos Múltiplas causas para um efeito Múltiplos efeitos para uma causa	Fenômeno Explicação Fenômeno Explicação Fenômeno: resultado Explicação: fatores Fenômeno: causa Explicação: consequência
Procedimentos	Procedimento Relato de procedimento	Como fazer experimentos e observações Relatando observações	Propósito Equipamento Passos Propósito Método Resultados
Relatos	Relato descritivo Relato classificatório Relato composicional	Classificar e descrever entidades Descrever tipos de entidades Descrever as partes de um todo	Classificação Descrição Classificação Descrição: tipos Classificação Descrição: partes
Argumentos	Exposição Discussão	Defender um ponto de vista Discutir dois ou mais pontos de vista	Tese Argumentos Reiteração Questão Lados Resolução
Respostas à textos	Resenha	Avaliar um texto literário, visual ou musical	Contexto Descrição do texto Julgamento

	Interpretação	Interpretar os temas de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reafirmação
	Opinião	Desafiar a mensagem de um texto	Avaliação Desconstrução Desafio

Fonte: Tradução de MARTIN; ROSE, 2012, p. 130

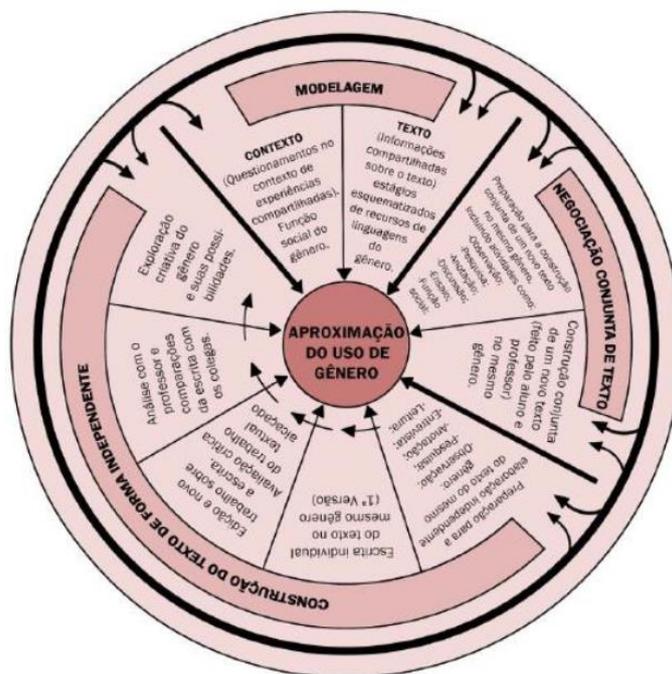
7. O Ciclo de Ensino e Aprendizagem

O mapeamento dos gêneros foi um grande passo para a unificação de um currículo, contudo faltava mais um ponto, um eixo teórico-metodológico, o como fazer. Para isso foi criado o Ciclo de Ensino e Aprendizagem. Joan Rothery foi que primeiro formulou uma metodologia de leitura e escrita de textos, chamando-a por este nome, com a ajuda da Escola de Sidney os modelos de Ciclos foram se aperfeiçoando. Sendo assim,

o ciclo de ensino-aprendizagem dos gêneros caracteriza-se por uma visão holística e transdisciplinar para o domínio dos gêneros escolares, em que a língua é ensinada não com um fim e em si mesma, mas com um instrumento para a construção do conhecimento em todas as disciplinas que compõem o currículo escolar. (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 262)

A teorização do Ciclo ganha corpo no projeto *Language and Social Power* (1985-1990), pois foram desenvolvidos estágios para o ensino e aprendizagem do gênero trabalhado. A figura 8 mostra cada estágio: modelagem, negociação conjunta do texto e construção independente, essas ações “preparam todos os alunos a tarefa de construir sozinhos um novo texto” (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 262).

Figura 6: Ciclo de Aprendizagem do projeto *Language and Social Power*



Fonte: Traduzido de MARTIN; ROSE, 2012, p. 64

O formato circular indica a capacidade de adaptação do Ciclo aos diversos contextos de sala de aula, tornando-o extremamente flexível à cada distinta realidade. Em resumo, cada estágio pode ser explicado da seguinte forma:

- Modelagem:** indica o contexto em que se analisa o gênero, a sua funcionalidade social, e estabelece as etapas de produção. Nada mais é do que a concepção do contexto de situação e contexto de cultura do gênero.
- A negociação conjunta:** seria a construção de um novo texto tendo como base o que foi visto na modelagem, que pode ser feito com o professor ou apenas com os colegas.
- Construção independente:** nesta etapa o aluno escreve seu próprio texto, podendo reescrevê-lo e, então publicá-lo.

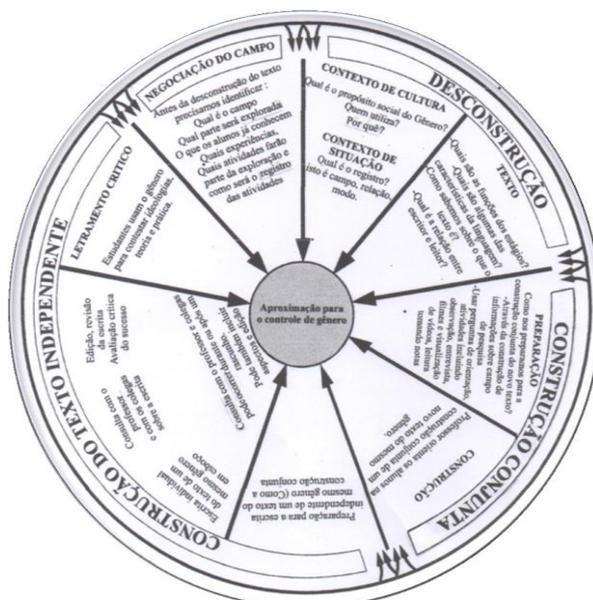
Reformulações foram sendo feitas, para sanar críticas feitas no Ciclo do projeto *Language and Social Power*. Segundo Martin e Rose (2012), os professores que aplicavam os Ciclos começaram a também contribuir para que

novos Ciclos fossem feitos, com o intuito que houvesse mais trocas de experiências durante o processo, para isso, novas etapas foram consideradas para dar continuidade ao projeto: negociação do campo e desconstrução (ver figura 9).

d) **Negociação do campo:** essa nova etapa fornece espaço de troca entre professor e aluno para a escolha do gênero e dos textos que serão lidos e produzidos durante do Ciclo, aqui o professor também poderá entrar em contato com a experiência de mundo do aluno.

e) **Desconstrução:** esta etapa substituiu a “modelagem”, nela aluno e professor irão ampliar horizontes do gênero em questão, para isso as noções de contexto de cultura e contexto de situação se fazem pertinentes. Por não serem “estáveis” os gêneros podem sofrer processos de “desconstrução”, elucidando ainda mais sua capacidade de variar.

Figura 7: Segundo Ciclo de Aprendizagem do projeto *Language and Social Power*

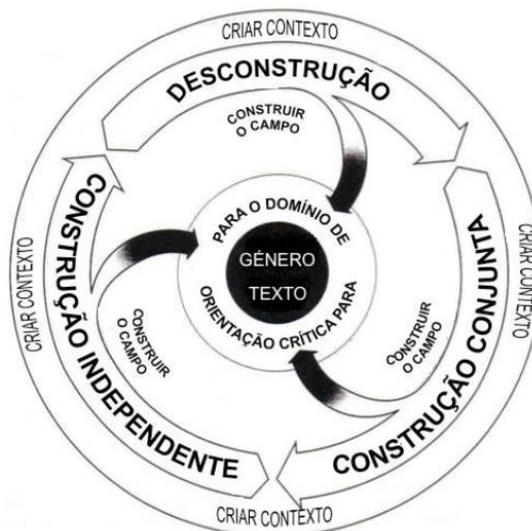


Fonte: Traduzido de MARTIN; ROSE, 2012, p. 65

Outro Ciclo posteriormente criado foi o do projeto *Write it Right*, objetivando ampliar ainda mais a Pedagogia de Gêneros e suas práticas de

letramento. Nessa fase do projeto o Ciclo apresenta três fases, conforme ilustra a Figura 10.

Figura 8: Ciclo de Aprendizagem do projeto *Write it Right*



Fonte: GOUVEIA, 2014

De acordo com este Ciclo, a negociação do campo não é mais uma etapa, pois estará presente em todos os momentos, o **criar contexto**. A **desconstrução** é responsável pela leitura de textos do gênero a ser estudado, sempre levando em consideração os aspectos do contexto de cultura (qual a função do gênero) e o contexto de situação (campo, modo, situação). Nesta etapa são questionadas e ampliadas questões linguísticas do texto.

No momento da **construção conjunta** alunos e professor convergem os conhecimentos até então debatidos para criar um texto coletivo, para isso o professor pode escrever no quadro as ideias já debatidas sobre o gênero, ou deixar um cartaz exposto durante todo o Ciclo para que os alunos possam ter onde verificar o que foi até então debatido.

Já a **construção independente** é o momento que o aluno fará sua própria produção. "Contudo, não é uma atividade solitária, pois o aluno pode trocar

informações com seus colegas e com o próprio professor” (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 264).

8. O programa *Reading to Learn (Ler para Aprender)*

A base dos princípios da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sidney é o empoderamento de classes sociais menos favorecidas através do acesso de práticas de letramento. Nesta etapa do projeto que iniciou na Austrália para atender comunidades indígenas no centro do país (MARTIN; ROSE, 2012), não foi diferente. Desde sua criação até hoje, pois é considerada a etapa atual do projeto, vários estudos aplicaram e contribuíram para a constante ampliação deste programa, assim como este projeto. Oliveira e Silva (2017, p. 275-276) ainda entendem que

o programa *Ler Para Aprender* é desenhado para ensinar os alunos a lerem em todos os níveis de compreensão simultaneamente: literal, inferência e interpretativo. No nível literal, o significado encontra-se nas palavras, nas expressões ou em imagens da página; no nível da inferência, o significado resulta da compreensão de outras partes do texto, das metáforas ou expressões idiomáticas; no nível interpretativo, o significado deriva de experiências que do leitor, seus conhecimentos, suas crenças e valores. Reconhece-se ainda um quarto nível de leitura, a decodificação, em que há o reconhecimento de padrões grafológicos nas palavras.

O Ciclo deste programa busca formar professores para ajudarem na formação de alunos autônomos, não só na escrita, mas também em leitura. As etapas nas quais o Ciclo se constrói vão direcionar aluno e professor para níveis de leituras variados, conforme o pensamento acima, assim como, essa relação cíclica da leitura em seus diversos estratos também é defendida por Martin e Rose (2012). Portanto, é função deste programa criar um leitor apto a decodificar padrões, fazer relações literais, inferir e interpretar.

Conforme a Figura 11, observa-se que o programa conta com nove estratégias, dividindo-se em três conjuntos de etapas que fornecerão subsídios para o desenvolvimento conjunto de práticas de leitura e escrita. Pensado em

uma organização hierárquica dos conjuntos das estratégias, no **primeiro nível** teremos preparação para desconstrução, construção conjunta e escrita autônoma; no **segundo nível**: leitura detalhada, reescrita conjunta e reescrita individual; e o **terceiro nível**: construção de períodos, ortografia, escrita de períodos (MARTIN, ROSE; 2012). Isso implica, segundo Gouveia que

o programa *Ler para Aprender* potência um trabalho de decodificação e de precisão sobre as estruturas linguísticas, com foco no conhecimento da língua ao nível da gramática e do discurso, ao fazer da leitura a base da aprendizagem. (GOUVEIA, 2014, p. 222)

Figura 9: Ciclo de Aprendizagem do projeto *Reading to Learn*



Fonte: GOUVEIA, 2014

A figura 11 deixa claro que antes de tudo é necessário o olhar para o currículo, seleção de textos e o avaliar, o professor tem que estar antenado às necessidades de seus alunos, olhar questões de faixa etária e planejar bem como vai avaliar o processo durante todo o Ciclo. O avançar dos níveis deverá produzir uma sala de aula viva, na busca constante da função e utilidade do gênero estudado, levando em consideração padrões linguísticos e variacionais, assim como sua funcionalidade e uso real.

É importante entender a dependência de todos os estágios para que haja uma eficácia do ciclo, por exemplo a leitura detalhada dará suporte no terceiro nível, pois compreender ortografia, escrita de períodos e a construção de períodos depende do arcabouço de leitura já realizado, para assim o aluno e professor fazerem relações reais de padrões, ou fuga de padrões no momento da construção conjunta e escrita autônoma.

CAPÍTULO III

O GÊNERO RESENHA FÍLMICA

Neste capítulo vamos brevemente compreender como a Escola de Sidney compreende o gênero resenha, sendo ele pertencente à família de respostas a textos. Para adequar o gênero aos objetivos dessa pesquisa foram realizadas adaptações entre o modelo de etapas australiano.

9. O gênero resenha fílmica à luz da Escola de Sidney

A Escola de Sidney foi um movimento linguístico criado para auxiliar o ensino de língua inglesa na Austrália, subsidiada pela Pedagogia de Gêneros. Essa teoria organiza em famílias os gêneros de textos com o intuito de melhor selecionar quais gêneros dentre os que circulam na sociedade deveriam ser ensinados na educação primária e secundária.

Nessa perspectiva, a produção de gêneros de texto está diretamente atrelada à vida social, sendo assim, todo texto circula em espaços sociais institucionais ou não possuem um propósito comunicativo, etapas e podem comungar de padrões léxico-gramaticais para atingir sua finalidade de interação (BARROS; FUZER, 2020).

Entre as famílias de textos que Martin e Rose (2012) caracterizam a de Respostas a Textos, no qual estão contidos os gêneros Resenha, Interpretação e Opinião. Tais gêneros comungam de algumas características, no entanto possuem funções e usos distintos, pois de acordo com Barros e Fuzer (2020, p. 402)

Os gêneros dessa família, mesmo que compartilhem o propósito de reagir a outros textos desenvolvendo a capacidade argumentativa e as habilidades de julgamento e de reflexão sobre os valores que o objeto de análise expressa, diferenciam-se um do outro pelo seu propósito específico, que é fundamental para determinar a Estrutura Esquemática do Gênero (EEG) e suas marcas linguísticas mais recorrentes.

Cada gênero dessa família se diferencia por seu propósito comunicativo e etapas distintos, como aponta o quadro 8.

Quadro 8: Família de Respostas à Textos

Respostas à textos	Resenha	Avaliar um texto literário, visual ou musical	Contexto Descrição do texto Julgamento
	Interpretação	Interpretar os temas de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reafirmação
	Opinião	Desafiar a mensagem de um texto	Avaliação Desconstrução Desafio

Fonte: Adaptação de MARTIN; ROSE, 2012, p. 130

Para este estudo, escolhemos o gênero Resenha, mas, especificamente, a Resenha Fílmica (RF), pois apresenta o propósito a avaliação de textos literários, visuais ou musicais e, inspirados nos estudos de Martin e Rose (2012), dividimos em três etapas: contexto, descrição do texto e julgamento. A partir da contextualização para a adjetivação da resenha abordada nesta pesquisa obtém-se a seguinte estrutura: contexto do filme, descrição fílmica, julgamento do filme.

Quadro 9: Etapas da Resenha Fílmica à luz da LSF

<p>CONTEXTO DO FILME</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do filme: ano de lançamento, produtora, tempo de duração e diretor do filme.
<p>DESCRIÇÃO FÍLMICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resumo do filme: exposição dos personagens principais e descrição e comentários sobre fatos importantes do filme.
<p>JULGAMENTO DO FILME</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recomendação ou não do filme: conjunto de argumentos levaram o autor a se posicionar a favor ou contra o filme em análise.

Fonte: Elaborado pelo autor (adaptação de Rose e Martin, 2012)

Outros estudos sobre o gênero resenha, também, dividem em etapas correspondentes como as propostas por Martin e Rose (2012), é o caso dos estudos de Motta Roth e Hendges (2010).

Quadro 10: Movimentos Retóricos da Resenha Fílmica

Apresentar > Descrever > Avaliar > (Não) Recomendar o filme

Fonte: Baseado em MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010

Assim como para a LSF a resenha para os estudos retóricos é um gênero do avaliar: “a resenha é um gênero discursivo em que a pessoa que lê e aquela que escreve têm objetivos convergentes: uma busca e a outra fornece uma opinião crítica” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 27-28). Com base nesse pensamento, a resenha pode ser utilizada para diversos fins avaliativos, as autoras citadas abordam a resenha com fins acadêmicos, neste trabalho faremos uma adaptação para a resenha fílmica.

É claro que a ordem dos movimentos retóricos supracitados pode mudar, pois o estilo do resenhador influencia em tal escolha (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Por isso, também na divisão de etapas propostas por Martin e Rose (2012), o aparecimento do contexto, descrição e julgamento não tem exatamente uma ocorrência hegemônica, podendo assim, essa ocorrência se dar, às vezes, de forma aleatória, sem prejudicar o propósito comunicativo do gênero.

CAPÍTULO IV: O OLHAR DA PESQUISA: DA ABORDAGEM METODOLÓGICA À PROPOSIÇÃO DIDÁTICA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que permearam a pesquisa e a proposta didática interventiva. Para isso, destacamos a abordagem da pesquisa, o contexto social, o *corpus* e os procedimentos de análise e, em seguida, a proposta didática sob o viés da Pedagogia de Gênero.

Para tanto, priorizamos uma proposição de didática para Ensino Fundamental, especialmente para o 8º ano do Ensino Fundamental, já que a proposta curricular de Pernambuco (2019) traz a transitividade como conteúdo em diálogo com gêneros narrativos e argumentativos. Fato justifica que a escolha do gênero resenha e estudos dos verbos na oração.

10. Abordagem da pesquisa

Dentro do contexto do PROFLETRAS essa é uma pesquisa de viés quali-quantitativo (OLIVEIRA, 2011) e uma pesquisa em Linguística Aplicada, Vilaça (2010) entende que estas pesquisas surgem de “questionamentos inquietações, dúvidas e problemas que fazem parte, ou já fizeram, da experiência docente do pesquisador” (p. 67). Quanto ao primeiro aspecto, dados serão colhidos e avaliados durante o processo de análise das resenhas *corpus* da pesquisa baseada nos estudos da transitividade da LSF, baseados principalmente em Halliday (1994) e Halliday e Mathieessen (2004).

Para a abordagem pedagógica e propositiva da pesquisa é um Ciclo de Ensino e Aprendizagem baseado da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sidney (MARTIN; ROSE, 2012): desconstrução, construção conjunta, escrita autônoma, leitura detalhada, reescrita conjunta, reescrita individual, construção do período, ortografia e escrita de períodos. Nele serão usadas as resenhas *corpus* da pesquisa a fim de propor um modelo de unidade didática em que professor e

aluno poderão usar os conhecimentos das estruturas ideacionais como intermediadores na leitura e produção de resenhas fílmicas.

11. *Corpus*: composição, seleção e critérios de análise

O *corpus* desta pesquisa será composto por sete resenhas fílmicas (em anexo) publicadas em portal da *Internet Eu Adoro Cinema* que retratam filmes (longa-metragem) com temáticas relacionadas ao cotidiano dos estudantes do 8º ano do EF, com destaca o quadro 2.

Todas as resenhas selecionadas para este estudo são de filmes lançados em 2015, 2016, 2019 e 2020 e sua temáticas são contempladas em **projetos de leitura** sugeridos pelo BNCC (2018), bem como na proposta curricular para o Estado de Pernambuco (2019).

Tabela 1: Relação dos Filmes que subsidiarão a seleção do *corpus*

Assunto	Resenha Fílmica	Filme	Ano Lançamento
Busca da identidade	Resenha 01	O Rei Leão – <i>Disney</i>	2019
	Resenha 02	<i>Sing</i> : quem canta seus males espanta – <i>Pixar Disney</i>	2016
	Resenha 03	Procurando Dory – <i>Pixar Disney</i>	2016
Conviver com o diferente	Resenha 04	O Pequeno Príncipe – Paris Filmes	2015
	Resenha 05	<i>Up</i> : Altas Aventuras – <i>Pixar Disney</i>	2009
Internet na vida do jovem	Resenha 06	Modo Avião – <i>Netflix</i>	2020
	Resenha 07	<i>WiFi Ralph</i> : Quebrando a internet – <i>Disney</i>	2019

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Para seleção das Resenhas que formam o *corpus*, utilizamos dois critérios: (1) Resenhas que sintetizam e que chamam atenção dos estudante, considerando três assuntos: a identidade, o diferente, a *Internet*. ; (2) Resenhas com temáticas que fazem parte da proposta didática de leitura e de escrita para o 8º ano do Ensino Fundamental, prevista na BNC (2018).

Com o objetivo de responder os questionamentos de pesquisa e atender aos objetivos propostos, priorizamos as seguintes categorias no âmbito da metafunção ideacional para apresentar uma análise das orações e, conseqüentemente, dos textos que compõem o *corpus*:

1. análise do contexto de situação de cada resenha a análise do contexto de situação e contexto de cultura de resenhas publicadas no portal da internet *Adoro Cinema*;
2. análise da estrutura das resenhas no âmbito das etapas, levando em consideração os pressupostos da Escola de Sidney;
3. analisar as escolhas léxico-gramaticais no âmbito do sistema de transitividade e suas possíveis implicações na construção do significado ideacional em resenhas;
4. análise descritiva do uso de orações nas resenhas: processos, participantes e circunstâncias, conforme os estágios de cada resenha
5. análise comparativa do uso de orações, conforme os estágios de cada resenha;

Como se trata de um trabalho que envolve o letramento, destacaremos, também, a relação estudo gênero resenha da família de reação a textos, no âmbito da LSF.

12. Proposta de intervenção

Baseado nos princípios teóricos e metodológicos da Linguística Sistemico-Funcional, sugerimos uma proposição didática composta de três etapas. A primeira etapa (Etapa I) destina-se a Exploração do Gênero Resenha (EGR), considerando o contexto de situação, organização do gênero resenha fílmica e a transitividade; e a segunda etapa (Etapa II), inspirado no Ciclo de Ensino Ler para Aprender do letramento australiano, apontamos sugestões de

atividades, em conformidade com a Etapa I, para serem realizadas junto aos alunos do 8º ano.

A terceira etapa (Etapa III) destina-se ao produto pedagógico deste trabalho, para que o aluno e, conseqüentemente, o professor possam usar didaticamente dos conhecimentos aqui dispostos um caderno complementar foi produzido a fim de proporcionar uma vivência de leitura e escrita. Esta etapa é assim a contribuição que esta pesquisa traz para educação básica.

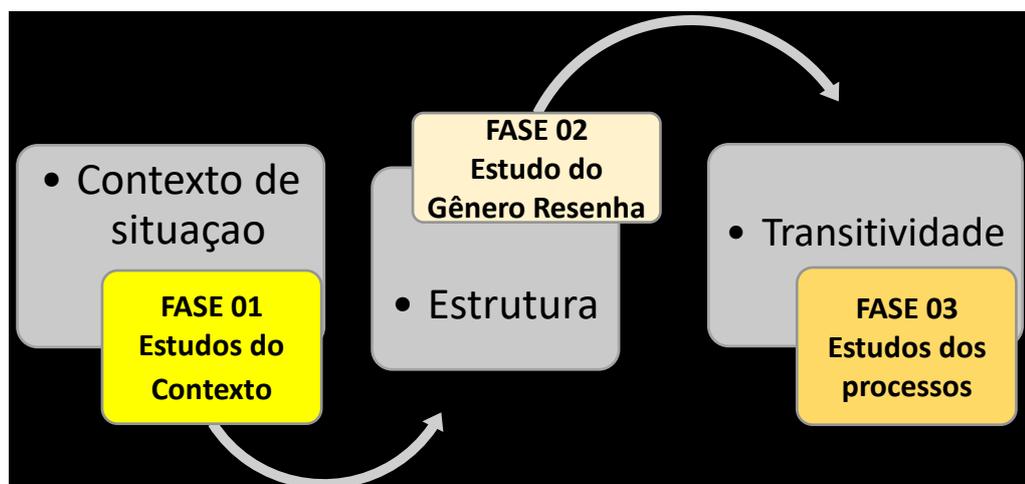
Quadro 11 – Proposição Didática baseada no Gênero Resenha Fílmica

ETAPAS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM	PROPÓSITO DIDÁTICO
I Exploração do Gênero Resenha	Reflexão do Contexto de Situação	Proporcionar aprofundamento teórico sobre o gênero estudado: contexto, estrutura do gênero de texto e transitividade
	Reflexão da Estrutura do Gênero Resenha	
	Reflexão da Transitividade	
II Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas	Negociação do Campo	Proporcionar aprofundamento da transitividade, especificamente dos processos.
	Preparação para a leitura	
	Construção conjunta	
	Escrita e reescrita autônoma	
III Caderno Complementar	Reflexão contextual, linguística e promoção crítica da escrita coletiva e conjunta	Fornecer um material didático apropriado para o aluno para a vivência pedagógica do ciclo de aprendizagem

FONTE: ELABORADO PELO PESQUISADOR

Na primeira etapa 1, explicitamos reflexões do contexto, estrutura do gênero e estudo léxico-gramática e semânticos dos processos (forma verbais) no âmbito da transitividade exploradas pelo professor. Neste momento, enfatizamos a relevância do professor de LP conhecer teoricamente o gênero a ser estudado em três fases, como demonstramos na figura 12 a seguir:

Figura 10: Etapa 01 - Exploração da Resenha Fílmica



Fonte: ELABORADA PELO PESQUISADOR

Na etapa 2, apresentamos a proposta pedagógica demonstrada no fluxograma 01, de caráter propositivo. Esta proposta se baseia em um Ciclo de Ensino e Aprendizagem inspirado da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sidney (MARTIN; ROSE, 2012), destacando diferentes fases: desconstrução, construção conjunta, escrita autônoma, leitura detalhada, reescrita conjunta, reescrita individual, construção do período, ortografia e escrita de períodos.

Nele, foram contempladas resenhas fílmicas (quadro 11) que compõem o *corpus* da pesquisa, a fim de propor um modelo de unidade didática em que professor e aluno possam usar os conhecimentos das estruturas ideacionais da oração como intermediadores na leitura e produção de resenhas fílmicas.

Como demonstrado no fluxograma 01 a seguir, optamos em organizar um projeto didático com atividades reflexivas, denominado **Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas (APER)**. O tempo pedagógico estimado para a realização do APER é 16 horas-aula. A proposta consiste em atividades didáticas significativas e atrativas que possibilite um estudo reflexivo do uso de processos, de participantes e de circunstâncias na construção de oração, e, conseqüentemente, na leitura e produção escrita do gênero de texto estudado: resenha fílmica.

Fluxograma 01: Etapas da APER



Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

As Etapas I e II estarão presentes na Etapa III, que por sua vez será o guia da aplicação da APER quando for trabalhada pelo professor-pesquisador na sala de aula do 8º ano no ensino fundamental. Compreender as etapas e a teoria que advém delas é primordial para o sucesso das atividades que serão realizadas em sala de aula com os alunos. Portanto, cabe ao professor quando for vivenciar didaticamente a APER está capacitado da teoria da transitividade da LSF e as concepção do gênero resenha fílmica.

CAPÍTULO V

INTERVENÇÃO DIDÁTICA: DA ANÁLISE DE RESENHAS FÍLMICAS A PRODUÇÃO DE UM PROJETO DIDÁTICO

Neste capítulo, explicitamos a intervenção didática destinada ao 8º ano do Ensino Fundamental. Essa intervenção, como mencionado no capítulo de Metodologia, é composta por duas etapas pedagógicas distintas: a primeira etapa se dedica a Exploração do Genro Resenha (EGR), analisando o contexto, organização do gênero e os processos no âmbito da transitividade; e a segunda etapa, inspirada no Ciclo de Ensino “Ler para Aprender” do letramento australiano, se considera atividades didáticas reflexivas contempladas num projeto didático.

A seguir, apresentamos uma reflexão teórico-prática das duas etapas que compõem a proposta de intervenção:

- ✓ Exploração do Genro Resenha (EGR)
- ✓ Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas (APER)

13. Exploração do gênero resenha

Neste item, destacaremos a importância da análise do contexto de cultura e situação, assim como suas etapas de produção. Em seguida lançaremos o olhar para as estruturas linguísticas objetivadas para o trabalho: a metafunção ideacional e a análise do sistema de transitividade das resenhas fílmicas *corpus*. Por fim, entenderemos como os processos estão relacionadas as etapas das resenhas e sua importância na construção do significado do texto.

13.1 Conhecendo o contexto de cultura e situação das resenhas estudadas

O contexto de cultura e situação são basilares em um trabalho guiado pela LSF. A compreensão das circunstâncias de produção do gênero de texto e seu processo de interlocução permitem ao pesquisador melhor analisar aspectos linguísticos baseados no uso.

Sendo o contexto de cultura o uso do gênero resenha, já definido no capítulo III, é no contexto de situação em que diferenciamos uma resenha fílmica de outra. A partir da compreensão dessa importância os quadros de análise a seguir resumem o contexto de situação. Como esta dissertação tem objetivo didático-pedagógico, eles podem servir para o professor da educação básica como ilustração para uso posterior ou criação de outros tendo estes como modelo.

A resenha 1, é do filme O Rei Leão do modelo *live action* da Disney, lançado em 2019. A resenha foi escrita Francisco Russo, resenhista do portal da internet Adoro Cinema. A resenha faz algumas críticas quanto as adaptações da animação original, uma animação de 1994. A resenha contextualiza bem o processo adaptativo para o formato mais realista, resume o filme de forma objetiva, deixando o leitor instigar-se para assistir ao filme, assim como julga o filme bom, por mais que o resenhador acredite que a animação original seja melhor que a adaptação resenhada.

Quadro 12: Contexto de situação resenha sobre o filme O Rei Leão

Resenha 1: O REI LEÃO (2019)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>O Rei Leão live action</i> , Disney.
Relação: Texto de Francisco Russo para a coluna <i>Resenhas Adoro Cinema</i> do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> , destinados a um público geral que queira obter uma avaliação mais especializada e informações sobre o filme <i>O Rei Leão</i> .
Modo: A linguagem é simples, com alguns vocabulários próprios do cinema e apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

A resenha 2, do filme SING: quem canta seus males espanta, uma animação da Disney lançada em 2016 foi escrita por Bruno Carmelo, colunista do site especialista em filmes *Adoro Cinema*. No texto o autor faz comparações do filme com programas de TV, resume fatos principais do filme, faz reflexões acerca de ideologias românticas que são elucidadas, em sua concepção, em relação à obra analisada. Por fim, o resenhador faz uma recomendação com riqueza de adjetivos.

Quadro 13: Contexto de situação resenha sobre o filme SING: quem canta seus males espanta

Resenha 2: SING: quem canta seus males espanta (2016)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>SING: quem canta seus males espanta</i> , Pixar - Disney.
Relação: Texto de Bruno Carmelo para a coluna <i>Resenhas Adoro Cinema</i> do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> , destinados a um público geral que queira obter uma avaliação mais especializada e informações sobre o filme <i>SING: quem canta seus males espanta</i> .
Modo: A linguagem é simples, com alguns vocabulários próprios do cinema e apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Quanto a resenha 3, escrita também por Francisco Russo acerca do filme Procurando Dory, animação da Disney lançada em 2016. O autor aborda relações entre o filme anterior a este, Procurando Nemo, e como esse novo longa da série tem sua originalidade incontestável. No final da resenha, o resenhador recomenda a animação, contudo com adendos, principalmente quanto a capacidade criativa da Pixar, estúdio que produziu o filme.

Quadro 14: Contexto de situação resenha sobre o filme Procurando Dory

Resenha 3: Procurando Dory (2016)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>Procurando Dory</i> , Pixar - Disney.
Relação: Texto de Francisco Russo para a coluna <i>Resenhas Adoro Cinema</i> do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> , destinados a um público geral que queira obter uma avaliação mais especializada e informações sobre o filme <i>Procurando Dory</i> .
Modo: A linguagem é simples, com alguns vocabulários próprios do cinema e apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

A resenha 4 foi escrita pelo também Francisco Russo analisa o filme O Pequeno Príncipe – Paris Filmes, 2016. O autor deixa claro que o filme não é uma reprodução fidedigna do livro da literatura infantil de mesmo nome, durante sua análise ele elogia o novo enredo e a trilha sonora. Por fim, o escritor do texto, recomenda o texto muito mais pela sua curiosidade do que por sua qualidade.

Quadro 15: Contexto de situação resenha sobre o filme O Pequeno Príncipe

Resenha 4: O Pequeno Príncipe (2016)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>O Pequeno Príncipe</i> , Paris Filmes.
Relação: Texto de Francisco Russo para a coluna <i>Resenhas Adoro Cinema</i> do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> , destinados a um público geral que queira obter uma avaliação mais especializada e informações sobre o filme <i>O Pequeno Príncipe</i> .
Modo: A linguagem é simples, com alguns vocabulários próprios do cinema e apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

A resenha 5 é a única dentre as escolhidas que não é de um crítico de cinema, no site da qual foi extraída ela pertence a um bloco destinado a leitores do site depositarem suas opiniões, chamado de “críticas do leitor”. Por isso, esse texto é o que mais se aproxima de uma escrita escolar, nela o autor, Matheus S., destaca o quanto a animação é emocionante. Por fim, ele recomenda o filme, porque o acha único.

Quadro 16: Contexto de situação resenha sobre o filme UP: Altas Aventuras

Resenha 5: UP: Altas Aventuras (2009)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>UP: Altas Aventuras</i> , Pixar - Disney.
Relação: Texto de Matheus S. postado pelo portal <i>Adoro Cinema</i> na coluna <i>Críticas do Leitor</i> , destinado às resenhas escritas por leitores da página que desenharam deixar também sua opinião sobre o filme UP: Altas Aventuras.
Modo: A linguagem é simples, apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos. O texto possui alguns desvios de coesão: organização de parágrafos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Escrita por Barbara Demerov, colunista do site Adoro Cinema, a resenha 6 avalia o filme brasileiro da Netflix *Modo Avião*, lançado em 2020. A autora faz importantes considerações acerca do roteiro e da atriz principal do filme, comenta sobre a temática. Ao final, elogia a fotografia do filme e o recomenda muito mais pela mensagem social que o longa aborda do que por outros aspectos.

Quadro 17: Contexto de situação resenha sobre o filme *Modo Avião*

Resenha 6: <i>Modo Avião</i> (2020)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>Modo Avião</i> , Netflix.

Relação: Texto de Barbara Demerov para a coluna *Resenhas Adoro Cinema* do portal da internet *Adoro Cinema*, destinados a um público geral que queira obter uma avaliação mais especializada e informações sobre o filme *Modo Avião*.

Modo: A linguagem é simples, com alguns vocabulários próprios do cinema e apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

A última resenha fílmica foi escrita por Bruno Carmelo, colunista do site Adoro Cinema. No texto o autor faz a avaliação do filme *Wi-Fi Ralph: quebrando a internet*, animação da Disney, lançada em 2019. O texto faz referências ao primeiro filme da série, *Detona Ralph*, além de fazer comentários negativos contundentes quanto ao roteiro da animação, contudo exalta a qualidade gráfica do filme. Sua avaliação é ponderada, deixando claro que é a aventura do filme que o faz interessante.

Quadro 18: Contexto de situação resenha sobre o filme *Wi-Fi Ralph: quebrando a internet*

Resenha 7: <i>Wi-Fi Ralph: quebrando a internet</i> (2019)
Campo: Remete à avaliação do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> do filme <i>Wi-Fi Ralph: quebrando a internet</i> , Disney.
Relação: Texto de Bruno Carmelo para a coluna <i>Resenhas Adoro Cinema</i> do portal da internet <i>Adoro Cinema</i> , destinados a um público geral que queira obter uma avaliação mais especializada e informações sobre o filme <i>Wi-Fi Ralph: quebrando a internet</i> .
Modo: A linguagem é simples, com alguns vocabulários próprios do cinema e apresenta de elementos narrativos, descritivos e argumentativos.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador / Site: <http://www.adorocinema.com/>

O processo de ensino de gêneros de texto é amplo e vasto em teorias, contudo, quando o professor usa da abordagem contextual que compuseram

esse tópico de análise, com base sistêmico-funcional, já cria links para a interpretação e compreensão do texto lido. Fazer dessa análise uma construção conjunta em sala de aula para qualquer texto é importante no ensino de língua.

13.2 Etapas das resenhas

Outro ponto importante de análise do *corpus* escolhido é a composição das etapas das resenhas fílmicas. Como compreendido no capítulo II, os gêneros de texto para a Escola de Sidney são divididos em famílias e cada gênero, em específico, possui etapas. Essas etapas diferenciam um gênero do outro dentro de sua família de gêneros.

As etapas de um gênero são a prova que socialmente os textos usados para propósitos específicos e por isso podem compartilhar de estruturas linguísticas semelhantes e por isso dentro de cada autenticidade de produção textual é possível ver elementos léxico-gramaticais semelhantes (BARBAT BARROS; FUZER, 2020). De acordo com Martin e Rose (2012), resenhas são textos da família de respostas a textos e possuem 3 etapas: contexto, descrição e julgamento. Esta pesquisa analisou um total de sete (7) resenhas fílmicas retiradas do portal da internet *Adoro Cinema*.

Uma pesquisa baseada no estudo de gêneros de texto, portanto, deve explicar e delimitar as etapas a fim de provar que elas existem e sua funcionalidade para a produção do propósito do texto. Os quadros a seguir realizam a análise das etapas do gênero resenha (MARTIN; ROSE, 2012).

Outrossim, a sistematização dessas etapas serve de subsídio para o professor da educação básica, leitor desse trabalho. Para isso os quadros a seguir foram organizados também com função didática, exemplificados com excertos de cada resenha fílmica.

Na resenha 1, pode-se perceber que na etapa contexto a indicação de referências ao tipo de filme, fotorrealista, e o nome do diretor do filme, John Lasseter. Na etapa descrição, o autor da resenha usa de comparações do novo

filme com a animação de 1996 de mesmo nome, assim como descreve mudanças de um filme para o outro. Já na etapa julgamento, o resenhista mesmo recomendando o filme aborda ressalvas, preferindo o filme original, contudo elogiando, principalmente, a realidade nas expressões dos personagens.

Quadro 19: Etapas da Resenha 1 - O Rei Leão.

Contexto	Em 1995, o pioneiro Toy Story chegou para popularizar de uma vez por todas a animação computadorizada. Ainda é cedo para afirmar que o mesmo acontecerá com a proposta fotorrealista deste novo O Rei Leão, mas desde já é possível afirmar que, assim como o longa dirigido por John Lasseter no século passado, o novo filme de Jon Favreau é, também, um divisor de águas. (...)
Descrição	<p>(...) é curioso notar como este novo filme (dialoga), o tempo todo, com a animação clássica. Se a comparação lhe é prejudicial pelo aspecto da emoção e ao charme intrínseco à animação 2D, em várias cenas a lembrança do original auxilia pela nostalgia. É como se o jogo já estivesse ganho, graças aos momentos tão conhecidos que vêm à memória de imediato - uma tática que tem sido explorada com habilidade pelos <i>live-actions</i> de animações clássicas da Disney, diga-se de passagem. (...)</p> <p>(...) são mínimas as mudanças feitas neste filme em relação ao original, por mais que haja 29 minutos a mais. As mais relevantes são a existência de uma líder das hienas e a aparição do cajado de Rafiki, no mais o tempo extra é gasto em sequências visuais mais alongadas. Não por acaso, Favreau busca enquadramentos que a todo instante remetam à animação clássica, em busca do saudosismo dos fãs. (...)</p>
Julgamento	(...) É preciso, no entanto, saber situar cada filme: por mais que este não chegue perto da animação clássica, há nele uma beleza em torno das saídas encontradas ao buscar expressões nos animais, associada aos próprios movimentos deles, que torna este novo filme dirigido por Jon Favreau algo único. Ao menos por enquanto.

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Quanto a resenha 2, na etapa contexto, observa-se a definição do filme, *mashup*, para isso o autor explica que a animação tem o modelo de um *reality show* musical. Na etapa descrição, apresentada no quadro abaixo, exemplifica o resumo de parte do enredo do filme. Por fim, na etapa julgamento, ao exaltar o enredo da animação avalia o filme como bom por meio de uma crítica ao que o autor da resenha chama de “caos pop”, e considera o filme como sonhador.

Quadro 20: Etapas da Resenha 2 – Sing: quem canta seus males espanta

Contexto	A premissa deste filme é tão familiar que chega a ser curioso o fato de ninguém ter pensado nisso antes. Sing - Quem Canta Seus Males Espanta transpõe às animações o formato dos <i>reality shows</i> musicais (American Idol, The Voice, The X Factor) com animais antropomórficos cantando. Pode parecer inusitado adaptar um gênero que contém a palavra “reality” ao formato fantasioso dos bichos falantes, porém estamos na época em que as novidades no cinema industrial não constituem ideias totalmente inéditas, e sim a combinação de conceitos que não tinham sido misturados antes. Este é, por definição, um filme <i>mashup</i> . (...)
Descrição	(...) A história é amarrada pelo coala Buster Moon, proprietário do teatro onde ocorrem os testes musicais, mas a trama alterna entre o dilema de um gorila com problemas paternos, uma porca pouca apreciada pelo marido, uma porca-espinho abandonada pelo namorado, um rato trambiqueiro e uma elefanta tímida demais para cantar, além de uma série de personagens coadjuvantes. (...)
Julgamento	(...) Por incrível que pareça, o roteiro encontra uma maneira de amarrar os seus fios soltos e ligar, de modo orgânico, a trajetória de todos os bichos. No meio do caos <i>pop</i> surge um filme sonhador, de valores clássicos, adaptado à sensibilidade do século XXI.

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

O exemplo do quadro a seguir, da resenha 3, aborda na etapa contexto o estúdio produtor do longa de animação, o tempo de hiato entre os dois filmes da franquia e o diretor a obra. Na etapa descrição, o autor da resenha resume características da personagem principal, Dory, assim como explica sobre os personagens coadjuvantes: Nemo e Marlin. O julgamento da obra acontece por meio de uma comparação com outro filme do mesmo estúdio, com isso revela-se uma insatisfação com a obra, contudo julga, por fim, que o filme é bom.

Quadro 21: Etapas da Resenha 3 - Procurando Dory

Contexto	Procurando Nemo é um dos filmes mais queridos dentre os produzidos pela Pixar, e é fácil entender o porquê: há a jornada de fácil identificação envolvendo um pai à procura do filho, coadjuvantes carismáticos, um roteiro que sabe explorar características do fundo do mar, uma animação belíssima e, é claro, Dory e seu baleiês. Pois é justamente ela a protagonista desta continuação tardia, lançada 13 anos após o original e dirigida pelo mesmo Andrew Stanton. (...)
Descrição	(...) o filme começa com um <i>flashback</i> , com a pequenina peixinha desmemoriada ao lado de seus pais e aprendendo a lidar com seus constantes esquecimentos. Além de situar historicamente a nova protagonista, a abertura serve ainda para correlacionar esta sequência com o filme original. É quando sabemos que a nova aventura se passa exatamente um ano após o resgate de Nemo. (...)
	(...)É claro que questões com o baleiês e o constante esquecimento de Dory marcam presença mais uma vez, assim como o ar sempre

	preocupado de Marlin, agora relegado ao posto de coadjuvante (e por vezes esquecido na própria história, juntamente com Nemo). (...)
Julgamento	(...) De certa forma, Procurando Dory lembra conceitualmente Universidade Monstros: um filme até divertido, com personagens carismáticos e de grande apelo junto ao público, mas sem a originalidade que fez com que a Pixar fosse tão admirada ao longo dos anos. Soma-se a isto o fato do roteiro se apropriar de vários facilitadores no terço final, resolvendo situações com uma fragilidade que chega a surpreender, negativamente. Bom filme, com grandes chances de ser mais um sucesso de público, mas que também não avança muito dentro do que a Pixar já pôde fazer.

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

A etapa contexto da resenha 4 apresenta o diretor do filme, e de onde o filme foi inspirado. A etapa da descrição exemplificada é um pequeno resumo das partes mais relevantes do longa-metragem. Na etapa julgamento, enfim, o resenhista define o filme como “curioso”, e destaca o personagem da raposa como o mais relevante, em sua opinião.

Quadro 22: Etapas da Resenha 4 - O Pequeno Príncipe

Contexto	“O essencial é invisível aos olhos”. A frase mais célebre do livro “O Pequeno Príncipe” é usada até hoje para ressaltar a importância dos sentimentos e do caráter no dia a dia e, como não poderia deixar de ser, tem importância crucial na animação O Pequeno Príncipe. Afinal de contas, a proposta maior deste novo trabalho do diretor Mark Osborne (Kung Fu Panda) não é propriamente reproduzir o livro escrito por Saint-Exupéry, mas sim captar sua essência. (...)
Descrição	(...) É a partir do encontro entre a garota e o vizinho, um senhor que lhe conta a tal história do pequeno príncipe, que o longa-metragem enfim ganha corpo. É quando a magia entra em cena, no sentido de um universo lúdico e repleto de criatividade. Neste sentido, a trama do livro de Saint-Exupéry é utilizada como símbolo deste mundo colorido que, aos poucos, transforma a vida da tal garota. (...)
Julgamento	(...) Um filme mais propriamente curioso do que bom, por mais que seja agradável, devido às técnicas diferentes de animação e a até mesmo corajosa proposta de continuar o livro, apesar do desenrolar ser repleto de situações autorreferentes. O destaque maior, sem sombra de dúvidas, fica por conta da raposa: uma graça, seja em qual aparência estiver. (...)

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

A resenha 5 não foi escrita por um resenhista crítico, e sim por um leitor do site Adoro Cinema que deixou sua resenha no espaço do site propício para esses textos de leitores que queiram também comentar e avaliar filmes. Por isso não temos no texto elementos mais técnicos como nas demais resenhas. O a etapa julgamento positivo é uma constante no texto, contudo as demais etapas

apresentam-se sutilmente: o contexto, quando se apresenta o nome do filme e questões do projeto gráfico da animação; e a descrição quando se localiza os personagens principais.

Quadro 23: Etapas da Resenha 5 - UP Altas Aventuras

Contexto (final do texto)	(...) Up - Altas Aventuras é um filme único, uma mistura perfeita de fantasia e realidade, de tristeza e alegria. Uma das melhores animações já feitas, tanto por sua grandíssima qualidade gráfica como por sua história central extremamente humanista e completamente emocionante.
Descrição	(...) A história de amor entre o Seu Fredricksen e a amável Ellie é de fazer qualquer um que tenha coração chorar. Para completar as belas imagens computadorizadas há uma trilha-sonora emocionante, e igualmente perfeita. Depois disso o filme é como uma montanha-russa de emoções. Essas emoções tão distintas vêm por vários motivos, mas alguns são principais. Um deles é a naturalidade na qual a história transcorre. (...)
Julgamento (começo do texto)	Não há nenhum filme de animação digital que provoque emoções tão distintas quanto UP - Altas Aventuras. Felicidade, tristeza, agonia, revolta, indignação, alegria... É impossível não sentir nada disso assistindo a 1 hora e 36 minutos desse filme altamente prazeroso.

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Na resenha 6 a etapa contexto exemplificada apresenta o diretor do filme, e retrata as características da direção de arte e fotografia. Na etapa da descrição o recorte apresenta um pequeno resumo do enredo do longa. Por fim, na etapa do julgamento o resenhista exalta a atriz protagonista da obra, todo o texto o autor julga o filme ser bom por conta da atuação da Larissa Manuela.

Quadro 24: Etapas da Resenha 6 - Modo Avião

Contexto	(...) Com uma bela direção de arte e fotografia, que contrasta bem os dois "mundos" tão distintos na visão de Ana, Modo Avião se sobressai quando se atenta às questões familiares que envolvem a protagonista, especialmente na relação avô e neta. (...) (...) A mensagem do filme de César Rodrigues acaba por nos distrair momentaneamente dos deméritos da história, sendo relevante para os dias atuais e ainda com um bônus: trazendo consigo uma mensageira que garante o valor de tal reflexão.
Descrição	(...) Em Modo Avião , após Ana se acidentar no trânsito de São Paulo por estar mais focada (locução de caráter cognitivo) em seu celular, a garota é obrigada a fazer um detox digital promovido por seus preocupados pais. Ela, então, se afasta da cidade grande e da

	agência em que trabalha, que pouco se importa com seu bem estar, e finalmente conhece seu avô numa cidade do interior. (...)
Julgamento Começo do texto	(...) Modo Avião pode ser encarado como uma nova fase para Manoela. Este é um filme que não só fala sobre questões muito atuais como também é bastante centrado no talento de sua protagonista, que tem carisma de sobra para fazer com que o espectador se identifique com o que Ana, jovem viciada em celular, sente ao longo da narrativa. (...)

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Nesta última resenha, a etapa do contexto apresenta uma relação com o filme anterior da franquia, assim como o diretor da animação. A etapa da descrição um resumo do enredo é apresentado ao leitor; e na etapa do julgamento o autor realiza críticas acerca de problemas que ele identificou no longa, mas entende que a aventura do filme é o ponto principal.

Quadro 25: Etapas da Resenha 7 - Wi-fi Ralph: quebrando a internet

Contexto	Caso o espectador não tenha visto Detona Ralph (2012), não há problema: o roteiro explica de maneira sucinta quem são Ralph e Vanellope, e como nasceu a amizade entre os dois, baseada em suas posições marginais dentro da sociedade dos jogos de Arcade. Passada a breve apresentação, a sequência abandona alguns elementos centrais do filme original. O jogo “Detona Ralph” é relegado ao segundo plano, a nostalgia dos jogos de antigamente se perde, e a mensagem sobre autoaceitação é substituída pelo discurso sobre a persistência das amizades apesar das diferenças. (...)
Final do texto	(...)o filme dirigido por Rich Moore e Phil Johnston (...)
Descrição	(...) vivendo um momento de idílio nos games, os personagens estão à espera de algum conflito para o filme acontecer. A chegada da Internet torna-se a óbvia porta de entrada para aventuras, e não demora para a dupla de amigos se embrenhar pelo mundo da conectividade. Eles adentram o portal proibido com uma facilidade incrível, encontram o objeto desejado (um volante para consertar o carro de Vanellope) em questão de minutos, descobrem o funcionamento deste local quase instantaneamente. WiFi Ralph - Quebrando a Internet não tem dificuldade em criar reviravoltas para seus personagens, embora elas soem fáceis ou bruscas pelo uso de recursos externos, pouco justificáveis pela própria trama. A separação entre Ralph e Vanellope no universo da Internet é o melhor exemplo dos conflitos criados apenas para permitir uma continuação da história. (...)
Julgamentos	(...) Os diálogos didáticos e o discurso ambíguo sobre a Internet e nossa relação com as marcas terminam por diluir o potencial do discurso. Mesmo assim, sobram bons momentos de aventura, uma porção de piadas inspiradas e uma representação cada vez mais orgânica do empoderamento feminino.

Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR / Site: <http://www.adorocinema.com/>

Uma questão a ser levantada, que se faz pertinente, é quanto a construção de cada texto e a ordem das etapas. Pode-se observar que não existe uma hierarquia ou linearidade de aparecimento de cada uma delas, no entanto todas elas são identificadas em todas as resenhas fílmicas.

Tal constatação, já verificada por Motta Rott, que observou as etapas sob outro viés teórico, indica que não existe uma fórmula pronta para a produção de um determinado gênero, o processo de autoria deve ser levado em conta. E somente o produtor do texto que pode decidir a ordem que usará cada etapa, respeitando, claro, todos os critérios de textualidade inerentes ao texto.

Portanto, no processo de ensino-aprendizagem do gênero resenha fílmica cabe ao professor explicar a organização de cada etapa, selecionar elementos linguísticos que recorrem mais para cada um deles e incentivar no estudante uma escrita dinâmica e autoral. Respeitando limitações, pois por mais que o ensino de língua almeje uma proficiência em escrita nem todos os alunos vão ter aptidão para a resenha.

13.3 Conhecendo os significados ideacionais nas resenhas estudadas

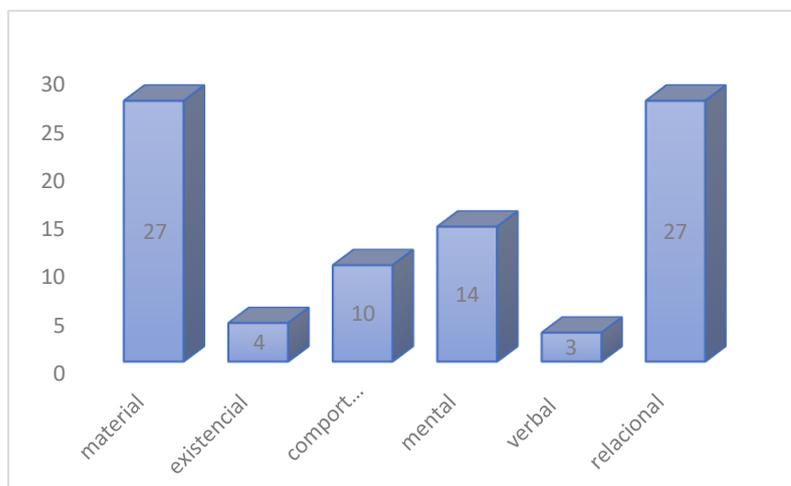
Idealizado por Halliday e Matthiessen (2004) o sistema de transitividade é responsável por entender a experiência de mundo do usuário da língua através dos elementos de transitividade: processos, participantes e circunstâncias. Tais elementos a depender do gênero vão ter uma ocorrência particular, como já provado em estudos diversos da LSF.

Neste presente estudo, para critério de análise, realizamos a construção de gráficos dos textos corpus com o intuito de perceber a ocorrência dos processos (verbos). Em seguida, exemplificar-se-á cada processo, seus participantes e circunstâncias, em outro momento mostrar-se-á como o professor de língua portuguesa pode abordar o conhecimento do sistema de transitividade dentro de um Ciclo para o ensino de resenhas fílmicas.

A resenha do filme O Rei Leão (Disney, 2019) possui um total de 85 processos, o gráfico 1 demonstra a ocorrência global do texto. Os processos

materiais e relacionais possuem igual recorrência - 27, seguidos pelos processos mentais - 14, comportamentais - 10, existenciais - 4 e verbais⁴ - 3.

Gráfico 1: Recorrência dos processos da Resenha Rei Leão

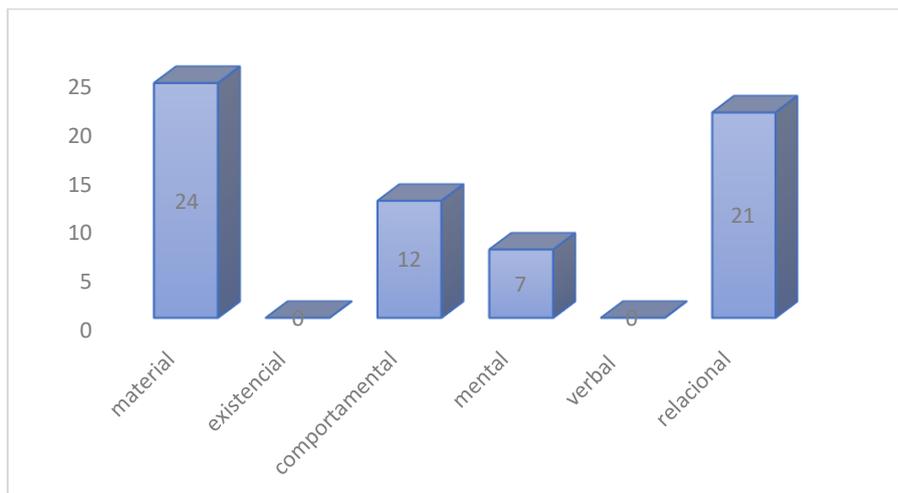


Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

Já a resenha 2, intitulada de “a música acalma as feras”, possui 64 processos. Como pode-se observar gráfico 2, destaca-se a ausência de processos verbais e existências, processos materiais – 24 – e relacionais – 21 – em uma proporção equilibrada de ocorrências, seguido pelos comportamentais – 12 – e os mentais – 7.

Gráfico 2: Recorrência dos processos da Resenha “A música acalma as feras”

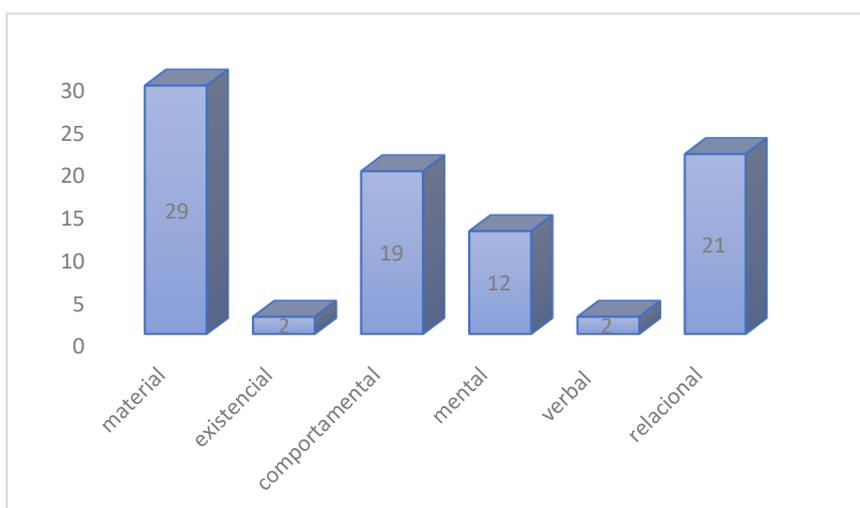
⁴ Os processos do dizer, verbais, são os que menos aparecerão em resenhas, pois não é característica da resenha elucidar a fala, como em um texto narrativo, ou uma reportagem, por exemplo. O caráter de julgamento do texto faz



Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

“Velhos amigos em uma nova jornada”, assim é intitulada a resenha 3, do filme Procurando Dory, que possui 85 processos. Dos quais, em consonância com os demais possuem em maior número processos materiais – 29 – e relacionais – 21 , seguidos dos comportamentais – 19, mentais – 12 – e existencias e verbais (ambos com 2 recorrências). Conforme pode ser analisado no gráfico 3.

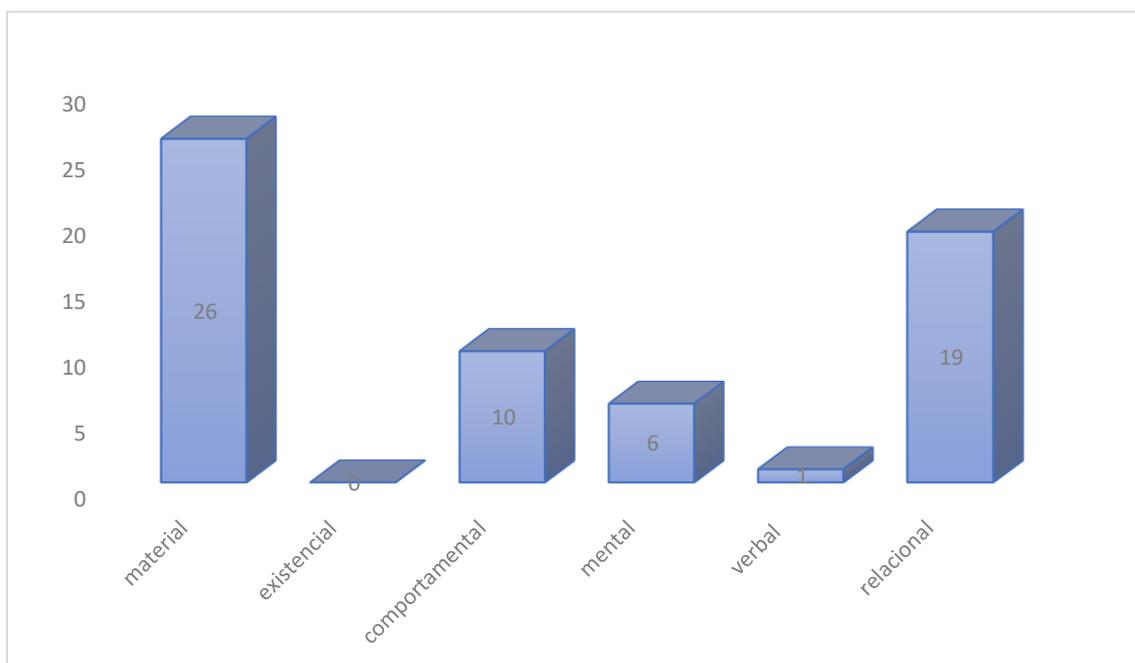
Gráfico 3: Recorrência dos processos da Resenha “velhos amigos em uma nova jornada”



Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

Em “descobrimo o Pequeno Príncipe”, a quarta resenha deste trabalho, a qual tece julgamentos sobre o filme O Pequeno Príncipe (2016) apresenta um total de 62 processos. Em ordem hierarquica de quantidade pode-se destacar os materiais – 26, seguido pelos relacionais – 19, comportamentais – 10, mentais – 6 e verbais – 1. Não houve ocorrência de processos existenciais. O gráfico 4 exemplifica os dados expostos:

Gráfico 4: Recorrência dos processos da Resenha “descobrimo o Pequeno Príncipe”

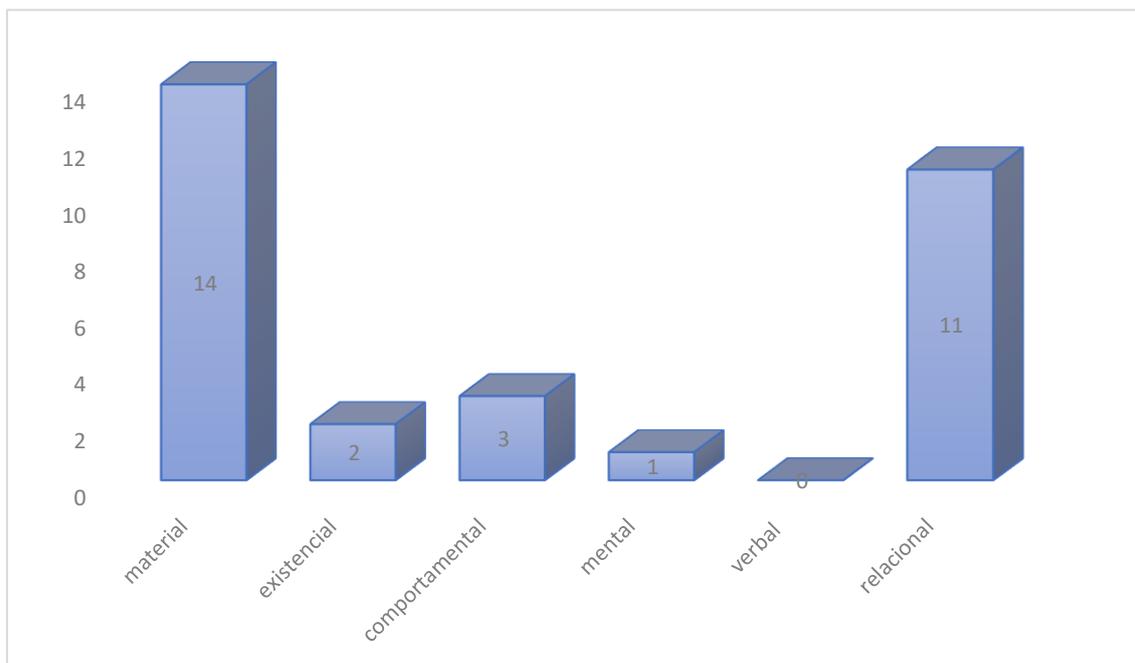


Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

O quinto texto de análise foi extraído do “crítica do leitor” do portal *Adoro Cinema*, ou seja, não foi um texto escrito pelos editores do site, seria, assim um texto muito próximo daquele que um aluno do ensino fundamental produziria em um ambiente real de sala de aula. Levando em conta essa característica do texto observou-se, proporcionalmente, o que já se observara nas demais resenhas *corpus* da pesquisa: processos materiais – 14 – com maior ocorrência, seguido

dos relacionais – 11, comportamentais – 3, mental – 1, e nenhuma ocorrência de processos verbais, como pode-se verificar no gráfico 5.

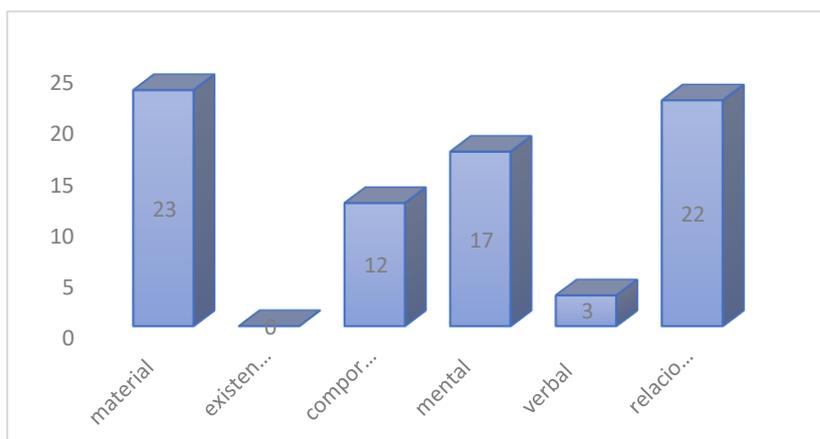
Gráfico 5: Recorrência dos processos da Resenha do filme UP – Altas Aventuras



Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

Quanto a resenha 6, do filme Modo Avião, intitulada “mais vidas, menos likes”, observou-se a inexistência de processos existenciais, e uma menor quantidade de processos verbais – 3. Em primeiro e segundo lugar em ocorrências, segue o padrão dos processos materiais – 23 – e os processos relacionais – 22. Processos mentais – 17 – e processos comportamentais – 12 – completam a análise, conforme o gráfico 6.

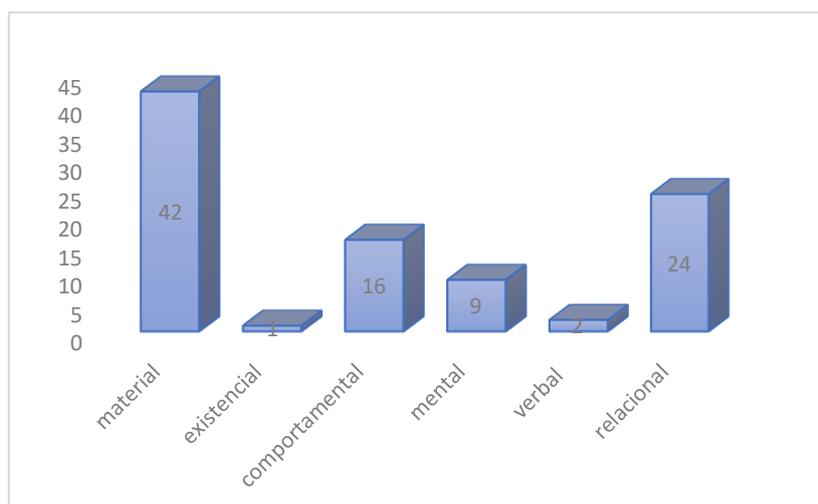
Gráfico 6: Recorrência dos processos da Resenha “Mais vida, menos likes”



Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

A última resenha analisada foi a do filme WiFi Ralph – Quebrando a Internet. Nela, segundo o gráfico 7, observou-se a ocorrência massiva de processos materiais – 42, seguido dos relacionais – 24, processos comportamentais – 16, processos mentais – 9, em menor quantidade os processos verbais – 2 – e os processos existenciais – 1.

Gráfico 7: Recorrência dos processos da Resenha do filme WiFi Ralph – Quebrando a Internet



Fonte: ORGANIZADO PELO PESQUISADOR

Após essa análise quantitativa dos processos se faz necessário uma investigação linguística dos significados ideacionais e sua função na produção do gênero resenha fílmica, os dados mostrados nos gráficos provam que os processos mais recorrentes nas resenhas fílmicas são os materiais e relacionais. Em segundo plano, os processos comportamentais e mentais, respectivamente. Em último plano, com aparecimentos mínimos e pontuais os processos verbais e existenciais.

Para uma análise sucinta e ao mesmo tempo didática, foram selecionados orações dos sete textos corpus da pesquisa que exemplifiquem as ocorrências de cada processo nas resenhas. Após cada bloco de orações uma discussão acerca do uso e função dos processos selecionados será feita, o que auxiliará o professor da educação básica quando for usar a proposta didática que aqui será apresentada.

a) ROCESSOS MATERIAIS

Os processos materiais apareceram em todas as etapas do gênero resenha fílmica e foram os que tiveram maior ocorrência em todos os textos estudados. Na etapa contexto, pode-se exemplificar as orações (1), (2), (6) e (7). Já na etapa descrição pode ser exemplificada com as orações (3), (4), (5), (8), (9), (10), (11), (12), (13), (14) e (16). E por fim, na etapa julgamento temos a oração (15).

Quadro 26: exemplos de processos materiais

- | |
|---|
| <p>(1) Em 1995, o pioneiro Toy Story chegou (...)</p> <p>(2) (...) o longa dirigido por John Lasseter (...)</p> <p>(3) (...) o peso que o ator dá ao personagem (...)</p> <p>(4) (...) proprietário do teatro onde ocorrem os testes musicais (...)</p> <p>(5) (...) A câmera desliza rapidamente de um rosto para um outro (...)</p> <p>(6) (...) O diretor Garth Jennings oferece um grande espetáculo na apresentação final (...)</p> <p>(7) (...) lançada 13 anos após o original e dirigida pelo mesmo Andrew Stanton. (...)</p> |
|---|

- (8) (...) Além de **situar** historicamente a nova protagonista, a abertura **serve** ainda para **correlacionar** esta sequência com o filme original. (...)
- (9) (...) **encontrou** um avião perdido no deserto (...)
- (10)(...) **transforma** a vida da tal garota (...)
- (11)(...) devido às técnicas diferentes de animação e a até mesmo corajosa proposta de **continuar** o livro (...)
- (12)(...) animação digital que **provoque** emoções (...)
- (13)(...) que às vezes se **perdem** dentro de seus mesmos valores (...)
- (14)(...) Ela **mistura** com maestria um tom fantasioso com a essência do ser humano (...)
- (15)(...) o esforço de Manoela em **entregar** uma personagem (...)
- (16)(...) Os diálogos **encontrados** nestes momentos (...)
- (17)(...) De que maneira alguém **entraria** literalmente na Internet? Como as informações **viajam** por este espaço numérico, e como **se efetua** uma pesquisa de informações? (...)

Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

Sua maior ocorrência na etapa descrição justifica-se por conta que é nesse momento que no texto se tece ações sobre os personagens, resumo de partes do filme, exposição de ações que foram destaques, entre outros processos que determinam um fazer.

b) PROCESSOS RELACIONAIS

Os processos relacionais, assim como os materiais, estão presentes em todas as etapas do gênero. Para o contexto, podemos exemplificar com as orações (24) e (29); para descrição, as orações (20), (21), (22), (23), (26), (27), (28) e (32); para a etapa do julgamento, as orações (18), (19), (25), (30), (31), (33) e (34).

Quadro 27: Exemplos de processos relacionais

- (18)(...) o novo filme de Jon Favreau **é**, também, um divisor de águas (...)
- (19)(...) Este, no fim das contas, **é** também seu calcanhar de Aquiles (...)
- (20)(...) As mais relevantes **são** a existência de uma líder das hienas e a aparição do caçador de Rafiki (...)
- (21)(...) **São** 85 canções famosas (...)
- (22)(...) Sing **se assemelha** à temporada inteira de um reality show (...)
- (23)(...) a reação dos concorrentes - muitos deles pobres - **é** absurda (...)
- (24)(...) Procurando Nemo **é** um dos filmes mais queridos (...)
- (25)(...) A presença dos flashbacks **é** importantíssima (...)
- (26)(...) família ao redor **é** a motivação principal (...)
- (27)(...) O contraponto **é** justamente a casa do vizinho (...)

- (28)(...) apesar do desenrolar **ser** repleto de situações autorreferentes. (...)
- (29)(...)Os primeiros 11 minutos de filme **podem ser** considerados um curta metragem extremamente perfeito (...)
- (30)(...)A história, mesmo **sendo** surreal (...)
- (31)(...)Altas Aventuras **é** um filme único (...)
- (32)Larissa Manoela **possui** uma das vozes mais influentes
- (33)(...) cada componente do roteiro **é** muito fácil (...)
- (34)(...) O roteiro não **é** muito sutil (...)
- (35)(...)os personagens **estão** à espera de algum conflito (...)

Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

A maior ocorrência dos processos relacionais na etapa julgamento mostra sua importância na construção de argumentos, assim como sua importância na construção de descrições e exposições na etapa descrição. Assim como são processos sutilmente usados para apresentações, na etapa do contexto.

c) PROCESSOS COMPORTAMENTAIS

Os processos comportamentais aparecem na etapa da descrição, eles auxiliam a representar textualmente atividades comportamentais físicas e psicológicas (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004) da obra (o filme analisado) e das personagens dos filmes. Sendo da resenha fílmica um gênero da família de respostas à textos esses processos não aparecem na etapa do julgamento. Os exemplos a seguir exemplificam a ocorrência de tais processos nos textos estudados.

Quadro 28: Exemplos de processos comportamentais

- (36)(...) tal comparação **prejudica** a nova versão (...)
- (37)(...)**impor** a ordem social numa megalópole caótica (...)
- (38)(...) se **Procurando Nemo** **brilhava** pela originalidade (...)
- (39)(...) o conceito da morte e de como **reagir** a ela (...)
- (40)(...) qualquer um que tenha coração **chorar**. (...)
- (41)(...) Ana, jovem **viciada** em celular. (...)
- (42)(...) a estratégia de humilhação na Internet, **protagonizando** vídeos virais ridículos (...)

Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

d) PROCESSOS MENTAIS

Os processos mentais são aqueles que representam atividades como as do pensar, sentir e ver (CABRAL; FUZER, 2014). Nas resenhas fílmicas estudadas, aparecem na etapa do contexto, como na oração (43) e (45); e na etapa da descrição, como nas orações (44), (46), (47), (48) e (49).

Quadro 29: Exemplos de processos mentais

- | |
|--|
| (43)(...) o novo O Rei Leão bebe diretamente da animação (...) |
| (44)(...) ideia romântica de que a música acalma as feras (...) |
| (45)(...) Procurando Dory lembra conceitualmente Universidade Monstros (...) |
| (46)(...) para quem nada sabe sobre a história (...) |
| (47)(...) impossível não sentir nada disso (...) |
| (48)(...) finalmente conhece seu avô numa cidade do interior (...) |
| (49)(...) descobrem o funcionamento deste local quase instantaneamente. (...) |

Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

e) PROCESSOS VERBAIS

Sendo considerados os processos do dizer (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004), do falar sua aparição é muito pequena no gênero resenha fílmica. Por ser um gênero da família respostas a textos, sua principal característica é elucidar uma opinião, não à luz do discurso falado de outro, mas das percepções particulares do escritor/produtor do texto (MARTIN; ROSE, 2008). Por conta disso as aparições dos processos dessa carga semântica são menor, segue os exemplos de orações verbais que apareceram nas resenhas estudadas:

A oração (51) repete-se na resenha 1 e na resenha 3, possuindo mesma função textual: é uma expressão popular que indica um comentário paralelo ao assunto abordado. Assim como na oração (59) o verbo dar assume uma função verbal pelo contexto em que está inserido.

Quadro 30: Exemplos de processos mentais

- (50)(...) é cedo para **afirmar** que (...)
- (51)(...) é possível **afirmar** que (...)
- (52)(...) **diga-se** de passagem (...)
- (53)(...) pela tubarão Destiny e a já **citada** Bailey (...)
- (54)(...) um senhor que lhe **conta** a tal história do pequeno príncipe (...)
- (55)(...) Não é exagero **afirmar** que Larissa Manoela (...)
- (56)(...) um filme que não só **fala** sobre questões (...)
- (57)(...) com frases que **soam** forçadas (...)
- (58)(...) a predisposição a **parodiar** suas narrativas (...)
- (59)(...) e **dá** conselhos a Vanellope (...)

Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

f) PROCESSOS EXISTÊNCIAIS

Os processos existenciais representam a existência de algo (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Observando a ocorrência deles nos textos *corpus*, podemos concluir que ele são os que menos aparecem, contudo, sua recorrência tem papel importante na etapa descrição. O uso do verbo haver indica elementos contextuais de cada obra analisada, como pode ser percebido nas orações que seguem:

Quadro 31: Exemplos de processos existenciais

- (60)(...) potencializada com o que **há** de mais moderno nos efeitos especiais. (...)
- (61)(...) **Há** no fotorrealismo uma limitação inerente não à tecnologia (...)
- (62)(...) por mais que **haja** 29 minutos a mais (...)
- (63)(...) **há** nele uma beleza em torno das saídas (...)
- (64)(...) Não **há** nenhum filme de animação digital (...)
- (65)(...) **há** uma trilha-sonora emocionante (...)
- (66)(...) Caso o espectador não tenha visto Detona Ralph (2012), não **há** problema: o roteiro explica (...)

Fonte: ELABORADO PELO PESQUISADOR

14. Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas (APER)

Este item traz as atividades que compõem o projeto didática de leitura, escrita e análise linguística do gênero resenha fílmica, para o 8º ano do ensino fundamental. **Abordagem Pedagógica para o Ensino de Resenhas – APER**, baseado nos pressupostos do projeto de letramento da Escola de Sidney, e das contribuições da LSF quanto a metafunção ideacional e o sistema de transitividade. Para isso, foi inspirado num Ciclo de Ensino de Aprendizagem⁵ do letramento australiano.

Pensado e idealizado para contribuir com a melhoria do ensino de língua portuguesa na educação básica, esta proposta é apenas um recorte de ideia que pode ser ampliado e adaptado pelo professor, que deve levar em consideração o contexto de sua sala de aula e o nível de aprendizagem de seus alunos. Por isso, a intuito de uma construção pedagógica conjunta, a proposta aqui apresentada é delimitada ao uso de três resenhas retiradas do *corpus*, que são as resenhas da temática “conviver com o diferente”.

Assim, as atividades aqui propostas podem ser adaptadas para as demais resenhas, que já foram divididas em grupos temáticos com esse objetivo. O fluxograma 01 exemplifica, portanto, o andar pedagógico da APER que será detalhado adiante.

Como demonstrado no fluxograma 01 (apresentado na metodologia), a proposta consiste em atividades didáticas significativas e atrativas que possibilitem um estudo reflexivo do uso de processos, de participantes e de circunstâncias na construção de oração, e, conseqüentemente, na leitura e produção escrita do gênero de texto estudado: resenha fílmica.

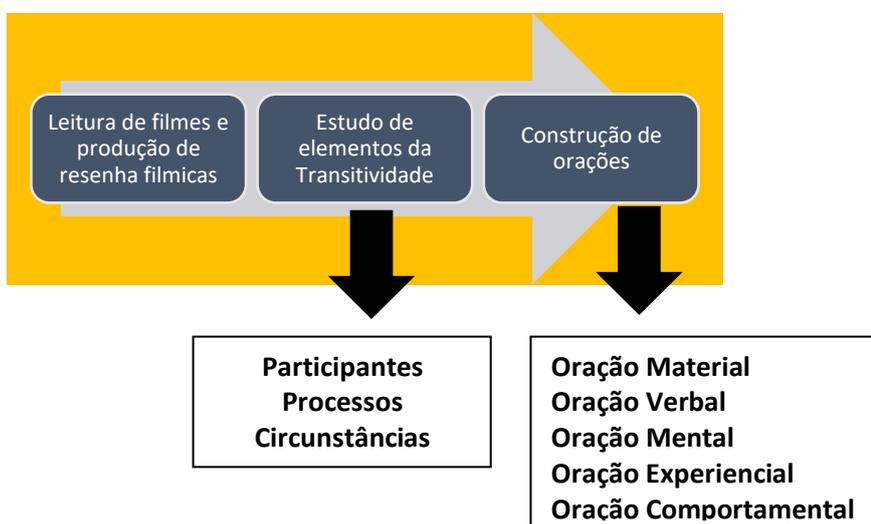
14.1 Atividades reflexivas propostas: APER em ação

⁵ Ciclo de Ensino e Aprendizagem baseado no projeto de letramento australiano *Ler Para Aprender* (Martin e Rose, 2012).

Pode-se dividir a APER em três macro etapas metodológicas, inspiradas no Ciclo de Ensino e Aprendizagem *Ler para Aprender* da Escola de Sidney: (1) Produção de ações didáticas que promova a leitura de filmes e a produção de resenha fílmica; (2) Produção de ações didáticas que amplie o uso de elementos da transitividade – participantes processos e circunstâncias – em gêneros da família de reação a textos⁶: resenha; e (3) Realização de atividades que amplie a construção de orações, no âmbito da metafunção ideacional e textual, considerando resenhas fílmicas.

Nos itens a seguir seguirão as descrições e atividades propostas para cada etapa. Como o viés da pesquisa é propositivo e por isso entende-se que questões contextuais podem ser levadas em consideração, ao desenvolver essas atividades o professor da educação básica pode e deve adaptar para sua realidade de sala de aula e nível de alunos.

Figura 11: APER – Etapas Metodológicas (teoria e prática)



Fonte: Elaborado pelo autor

⁶ Foco em estudos de Gêneros de Textos sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional.

Nos itens a seguir, explicitamos as descrições e atividades propostas para cada etapa. Como o viés da pesquisa é propositivo e por isso entende-se que questões contextuais podem ser levadas em consideração, ao desenvolver essas atividades o professor da educação básica pode e deve adaptar para sua realidade de sala de aula e nível de alunos.

Para tanto, organizamos uma proposição didática composta por ações didáticas, inspiradas no ciclo Ler para Aprender, tais como: negociação do campo, leitura detalhada

14.1.1 Negociação do campo

A negociação do campo é composta de cinco atividades, como descritas no Quadro (...), cada atividade ajudará o estudante a ambientar o tema tratado pelos filmes propostos para apreciação durante esta etapa da APER.

Quadro 32: Etapa 01 - Negociação do Campo

Etapas	Assunto	Filme e Resenha	Ações didáticas
Negociação do Campo	Identidade	Rei Leão	Atividade 01: Cine Escola- Filme Rei Leão
			Atividade 02: Leitura da Canção “adorável chip novo” da cantora Pitty
			Atividade 03: Leitura da Resenha (filme O Rei Leão)
			Atividade 04: Debate – foco no assunto
			Atividade 05: Apresentação de Sinopse do filme

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Na atividade 01, será introduzida à temática que permeará as escolhas textuais (verbais, não-verbais e audiovisuais) durante o Ciclo: busca da identidade. Para isso usaremos o gênero canção, os alunos irão receber a letra da música “admirável chip novo” da cantora Pitty, e escutarão a música coletivamente. Após escutarem, a música o professor deverá questionar os alunos sobre o assunto abordado pela música, e ir mediando o debate até chegar

em uma conclusão coletiva acerca do que foi planejado. Ao final do debate o professor deverá lançar a seguinte pergunta à classe: o que é identidade?

Outro debate deve começar para que se chegue em uma definição comum, onde juntos professor e alunos possam criar um conceito que também possa ser usado pelos alunos nas próximas etapas do projeto. Depois dos momentos de debate o professor deve explicar o que é o Ciclo e as etapas que serão realizadas, além de divulgar para a sala um cartaz de divulgação do cine-escola, com o primeiro filme que será exibido e que servirá de arcabouço para as primeiras produções textuais.

Nesta atividade 05, ainda de negociação, o professor trará o gênero sinopse e será a abertura do cine-escola com a turma. A sinopse será a do filme O Rei Leão – Disney (2019). Após a leitura da sinopse, o professor acomoda a turma a fim de que todos fiquem confortáveis para assistir ao filme.

Nesta aula da negociação do campo, o professor motivará os alunos a debaterem sobre o filme, ver o que eles acharam, os melhores e piores momentos (deve-se escrever no quadro branco, ou em uma cartolina para deixar depois exposto na sala). Os alunos devem participar de maneira voluntária nesse momento.

14.1.2 Preparação para a leitura / Leitura detalhada

Aqui o professor deverá criar espaço para contextualizar a necessidade social do gênero resenha fílmica. Perguntas as seguintes devem ser feitas para que se haja uma reflexão de tal propósito: Filmes são avaliados? Quem avalia filmes? Onde podemos encontrar avaliações de filmes? Entendidos que filmes podem ser avaliados o professor lança aos alunos o nome do gênero que será trabalhado: resenha fílmica.

Após este momento, cada aluno recebe uma cópia da resenha, é feita uma leitura coletiva, logo após o professor deve pedir que os alunos releiam a

resenha do filme O Rei Leão de forma individual e silenciosa. Assim que terminar esse momento, o professor mediará a criação de um quadro do contexto de situação do texto lido, conforme o quadro abaixo, usar o quadro 26 como exemplo.

Quadro 33: Modelo didático para refletir sobre o contexto de situação em sala de aula

Filme resenhado (ano de lançamento): Título da resenha:
Assunto da resenha:
Interlocutor: Veículo de comunicação: Público-alvo:
Linguagem do texto: Tipologias textuais presentes:

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Após a construção do contexto de situação, na etapa leitura detalhada, o professor deve refletir com os estudantes sobre as etapas da resenha: **Contexto > Descrição > Julgamento**. Com essa atividade os alunos serão capazes de entender a organização e funcionalidade da resenha. O professor deve focar em explicar com excertos do texto, conforme o que foi proposto no quadro 27. Para isso duas atividades podem ser realizadas: ou cada aluno ter de forma impressa o texto e circular cada etapa, ou usar o quadro abaixo para que os alunos retirem do texto as etapas e escrevam em cada bloco:

Quadro 34: Modelo didático para refletir sobre as etapas da resenha fílmica

<p>Contexto</p> <p>Que dados apresentam o filme resenhado? (Data de lançamento, diretor, quem produziu o filme)</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>Descrição</p> <p>Quais partes do texto resumem o filme, descrevem o filme ou expõem algum fato importante sobre o filme?</p>	<hr/>
<p>Julgamento</p> <p>Que argumentos levaram o resenhador a tomar uma posição negativa ou positiva acerca do filme?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

14.1.3 Escrita e reescrita conjunta de períodos

É nesta etapa que o professor deverá introduzir os conhecimentos da LSF quanto a transitividade, o principal objetivo desta etapa é refletir sobre a diversidade semântica dos verbos (processos). Não é de interesse dessa pesquisa que o estudante entenda toda nomenclatura que foi discutida por este trabalho, por isso as atividades que seguem ajudarão o professor e o aluno a refletir acerca dos 6 processos: material, verbal, existencial, comportamental, relacional e mental.

Cada exercício a seguir vai conter um objetivo e um proceder pedagógico, para este último, assim como em outros momentos o professor tem autonomia para modificar e adequar para sua realidade. Os exercícios podem ser adaptados para as outras resenhas também. Outras propostas serão

encontradas no Manual Pedagógico que será publicado, a fim de auxiliar ainda mais o professor da educação básica.

Atividade 1: Exercício de reflexão

Objetivo: Refletir sobre os vários processos (verbos) e suas classificações semânticas.

Proceder pedagógico: O professor deve explicar aos alunos que muito além da definição da gramática normativa (ação, estado e fenômeno da natureza) os verbos podem ser agrupados em grupos através dos sentidos que expressam, para cada processo temos determinados sentidos, usar o quadro 28. Após a apresentação e discussão do quadro baixo, o professor pode pedir para que os alunos citem verbos que exemplifiquem cada campo de sentido, exemplo: verbos do fazer (cozinhar, estudar, beijar).

Quadro 35: Agrupando os verbos em grupos de sentidos

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Grupo 6
<u>Fazer</u>	<u>Existir</u>	<u>Relacionar-se</u>	<u>Dizer</u>	<u>Sentir</u>	<u>Comportar-se</u>
Acontecer	Existir	Ter	Dizer	Pensar	Comportar-se
Criar		Simbolizar		Ver	
Mudar		Ser		Sentir	
Fazer				Querer	
Atuar					

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, baseado em CABRAL; FUZER (2014)

Atividade 2: Exercício de Análise Linguística

Objetivo: analisar orações, com foco nos processos.

Proceder pedagógico: Nesta atividade, baseados na resenha 1, o professor vai entregar as questões do quadro abaixo e pedir para que os alunos as respondam, nelas eles irão refletir, a partir da análise linguística das orações os sentidos expressos pelos verbos (processos). Ao final do exercício o professor corrige coletivamente e retira possíveis dúvidas dos estudantes.

O professor deve ficar atento a letra “e” do exercício que segue no quadro abaixo, nela o verbo “dialogar” pode ser associado diretamente a um processo do dizer, verbal. Contudo pelo contexto ele está mais tendente a um processo do comportar-se, portanto ele seria comportamental.

Quadro 36: Exercício de análise linguística dos processos em orações da resenha 1

- Leia as orações retiradas da resenha do filme Rei Leão, análise o contexto e o verbo destacado, em seguida marque o sentido que ele está expressando.
- a) “**Vendido** como um *live-action* sem humanos.”
 fazer
 sentir
 comportar-se
- b) “**Há** no fotorrealismo uma limitação inerente não à tecnologia.”
 fazer
 querer
 existir
- c) “**diga-se** de passagem”
 querer
 dizer
 fazer
- d) “**são** mínimas as mudanças feitas neste filme”
 simbolizar
 ver
 mudar
- e) “este novo filme **dialoga**, o tempo todo, com a animação clássica”
 fazer
 dizer
 comportar-se

- f) “o novo O Rei Leão **bebe** diretamente da animação clássica”
 () sentir
 () fazer
 () ter

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Atividade 3: Exercício de substituição lexical

Objetivo: Perceber que outros verbos podem exercer aquela mesma função a depender do contexto.

Proceder pedagógico: Este é um exercício simples, contudo com grande contribuição para a estratificação do conhecimento acerca da diversidade semântica dos processos. Solicite aos alunos criatividade na hora da reescrita das orações com novos processos correlatos ao que foi usado na resenha 1.

Quadro 37: exercício de substituição lexical, ênfase nos processos

- Releia as orações retiradas da resenha do filme O Rei Leão, sem seguida, sem prejudicar o sentido expresso do texto, reescreva a oração mudando o verbo destaque por outro de sentido correlato. Não esqueça, você não pode influenciar o contexto da resenha.
- a) “a sensação de **ver** em cena uma nova animação”

- b) “Favreau aqui **encara** um desafio maior”

- c) “em várias cenas a lembrança do original **auxilia** pela nostalgia”

- d) “por mais que **haja** 29 minutos a mais”

e) “tal comparação **prejudica** a nova versão não”

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Atividade 4: Exercício de relacionar processos e etapas

Objetivo: relacionar processos às etapas da resenha fílmica.

Proceder pedagógico: Neste último exercício o foco vai ser relacionar as orações, e conseqüentemente os processos, a etapas do gênero resenha. É bom relembrar com os estudantes o que é cada etapa para eles fazerem com segurança este exercício.

Quadro 38: Exercício de relacionar processos e etapas

- Leia atentamente cada oração retirada da resenha do filme O Rei Leão, em seguida marque um (X) na etapa da resenha que ela se insere: contexto, descrição ou julgamento.

- a) “Vendido como um *live-action* sem humanos, o novo **O Rei Leão** bebe diretamente da animação clássica para surpreender pelo aspecto técnico.”
 - () contexto
 - () descrição
 - () julgamento

- b) “por mais que este não chegue perto da animação clássica, há nele uma beleza em torno das saídas encontradas ao buscar expressões nos animais, associada aos próprios movimentos deles, que torna este novo filme dirigido por Jon Favreau algo único”
 - () contexto
 - () descrição
 - () julgamento

- c) “As mais relevantes são a existência de uma líder das hienas e a aparição do cajado de Rafiki, no mais o tempo extra é gasto em sequências visuais mais alongadas.”
 - () contexto

- | |
|---|
| <input type="checkbox"/> descrição
<input type="checkbox"/> julgamento |
|---|

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

14.1.4 Construção conjunta / Ortografia

A construção conjunta é uma das etapas mais importantes para a solidificação de um espaço seguro para a futura escrita autônoma dos estudantes. Para a construção dessa etapa o professor montará mais uma vez o cine-escola e os alunos assistirão o filme **Sing: quem canta seus males espanta**. Antes de assistir ao filme o professor deve distribuir a sinopse do filme para leitura coletiva.

Depois de assistirem o filme, assim como se fosse na etapa de negociação do campo, o professor questiona os alunos quanto aos pontos positivos e negativos do filme, se possível anotar na lousa ou em uma cartolina para que fique exposto para todos os alunos. Assim como associa, em um pequeno debate, o filme ao tema da APER: busca da identidade.

Após as aulas com o cine-escola e o debate do filme. O professor vai construir junto com os alunos uma resenha e deve escrevê-la no quadro ou em uma cartolina. As perguntas a seguir podem ajudar o professor fazer os alunos contribuírem para produção das etapas da resenha:

Quadro 39: Perguntas motivadoras para construção das etapas de resenhas fílmicas

- | |
|---|
| <p>a) Para etapa CONTEXTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem é o diretor do filme? • Quando o filme foi lançado? • Quem produziu o filme? • Quanto tempo de duração o filme tem? <p>b) Para etapa DESCRIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você resumiria o filme? • Qual os pontos positivos do filme? |
|---|

- Quais os pontos negativos do filme?
- c) Para etapa JULGAMENTO
 - O filme deve ser recomendado?
 - Por que ele deve ser recomendado?
 - Que mensagem você pode deixar para alguém que vá assistir ao filme?

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

É importante o professor estimular a criatividade do aluno, ler e reler o que eles propuseram até chegar ao texto final. A escrita conjunta também é um momento de reescrita, de reflexão. O texto é de todos da sala, ao final o professor pode digitar a resenha fílmica e postar em nome da turma na coluna “resenhas do leitor” do portal da internet *Adoro Cinema*.

À medida que dúvidas forem surgindo, o professor pode refletir sobre aspectos da ortografia, contudo este estrato do ciclo não é o mais relevante para os objetivos desta pesquisa, contudo o professor durante a escrita conjunta e autônoma pode problematizar algumas palavras e suas convenções de escrita.

14.1.5 Análise de períodos

Após a escrita conjunta o professor deve distribuir a resenha 2 aos alunos para uma leitura primeiramente individual, em seguida, uma leitura coletiva. Realizar com os alunos o contexto de situação, conforme quadro 26. Assim como, entregar uma ficha, conforme quadro 27, para que eles reflitam sobre as etapas do gênero.

O objetivo final desta etapa é realizar as atividades propostas para a análise de alguns períodos do texto, para compreender melhor os sentidos dos processos e sua relação com cada etapa do gênero. Para isso a atividade a seguir é sugerida. Cabe lembrar que o professor da educação básica tem toda autonomia de modificar o que achar necessário com a finalidade de adequar a sua realidade escolar.

Atividade 5: Exercício de identificação de processos no texto

Objetivo: Identificar orações com processos específicos.

Proceder pedagógico: O professor vai pedir para os alunos identificarem e copiarem orações do texto que pertençam aos grupos semânticos solicitados. Para isso utilizar o modelo do quadro 33.

Quadro 40: Modelo de exercício de identificação de processos em resenhas fílmicas

- Leia a resenha do filme **Sing: quem canta seus males espanta** e procure, no texto, orações conforme as solicitações a seguir:

a) Encontre no texto uma oração que indique uma ação do sentir.

b) Encontre no texto uma oração que indique uma ação do pensar.

c) Encontre no texto uma oração que indique uma ação do fazer.

d) Encontre no texto uma oração que indique uma ação do comportar-se.

e) Encontre no texto uma oração que indique uma ação do ter identidade.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

É interessante incentivar o aluno a procurar mais de uma oração, na hora da correção coloque algumas orações no quadro, questione sobre a coerência ou não da resposta. Aproveite as orações e as associe as etapas de produção do gênero, se possível significando junto ao aluno o processo e sua importância naquela referida etapa.

14.1.6 Etapa 6 da APER: Preparação da escrita autônoma / Escrita autônoma / Reescrita Autônoma

Para a preparação da escrita autônoma o professor vai montar novamente o cine-escola, desta vez o filme a ser assistido é **Procurando Dory**. Turma reunida em espaço adequado será a hora da leitura da sinopse do filme. Após o final do filme, acontece o debate sobre as partes mais interessantes, os questionamentos acerca do filme e a avaliação (oral) do filme por parte dos alunos.

Oportunizar espaço e tempo para que os alunos façam seu próprio texto, motivá-los a criar seu próprio quadro do contexto de situação e não se esquecerem dos movimentos retóricos que se deve ter na resenha fílmica.

De maneira individual, professor e aluno se reúnem para discutir o texto escrito. O professor não deve deixar de focar nos aspectos linguísticos e sempre levar o aluno a refletir acerca de suas escolhas léxico-gramaticais, em especial os processos. Terminados os textos, o professor solicitará o computador portátil da escola e pedirá para que cada aluno digite seu texto final, aqueles que já tiverem computador em casa podem optar por enviar para o *e-mail* do professor.

14.1.7 Publicação do gênero

Textos prontos, professor e alunos usarão a internet da escola para enviar as resenhas dos alunos para a coluna “resenhas do leitor” do portal da internet *Adoro Cinema*, assim como o professor pode criar um *cine blog* da escola, que deverá sempre ser alimentado com resenhas que os alunos escreverem futuramente. Para que a comunidade escolar também tenha acesso aos textos, o professor pode criar um mural de resenhas, haja visto que nem todos da escola têm acesso à internet.

Ao finalizar o Ciclo aqui proposto o professor, que deve assumir a postura de pesquisador, precisa fazer uma avaliação de sua prática e do projeto didático que proposto junto aos estudantes. A avaliação é um processo, por isso, ao final é desejável que de maneira consultiva o professor procure ouvir os alunos, o que eles mais gostaram durante o processo e quais suas maiores dificuldades, se possível esse momento deve ser usado para revisões.

Por fim, vale salientar que o Ciclo não encerra a autonomia do professor-pesquisador em sua prática, muito pelo contrário, ele foi criado para que durante o processo ele seja acrescentado/modificado em relação a cada realidade escolar. Quando ao elaborarem o projeto de letramento australiano Martin e Rose tinham esse objetivo: o de não encerrar em seus trabalhos os estudos e possibilidades dos Ciclos. Assim, essa APER é uma possibilidade pedagógica que está a inteira disposição do professor-pesquisador para o ensino de língua sob o viés de uma teoria que permite aprender ao mesmo tempo que ensina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar uma dissertação em um período pandêmico como o que foi vivido nos anos de 2020 e 2021 é um grande desafio, a distância e o isolamento dificultam. Ficar longe das salas de aulas, do contato direto com o aluno estremeceu a muitos, por isso uma pesquisa, mesmo que propositiva como esta tem sua relevância e propósito para educação básica.

Espera-se que, ao estudar essa proposta, o professor dê novos significados a sala de aula, pois a educação pública, infelizmente foi a mais prejudicada com esta doença que assolou todo mundo. O PROFLETRAS, assim, afirma-se como um programa de vanguarda, que se lança para frente buscando em cada professor que cursa seu mestrado entrar em labirintos que por mais que sejam, às vezes, difíceis de sair, ao chegar à saída tanto o mestrando como a educação brasileira não são mais as mesmas.

Após discutir teorias da LSF, da transitividade, da Escola de Sidney, do Ciclo de Ensino e Aprendizagem esta pesquisa contribuiu de maneira teórica para que a linguagem tão robusta da academia pudesse chegar na escola de maneira leve e didática. Assim como contribui com uma proposta de ensino de gramática funcional, voltado para o uso e atrelado à leitura e produção de gêneros de texto.

Sendo a transitividade e o estudo da semântica dos verbos um estudo tão caro à educação linguística, este presente trabalho é acende o alerta para a ampliação de tais estudos, seja no âmbito da LSF ou de outras teorias que comportem esse tão importante grupo de palavras. A APER é apenas uma trilha em meio a grande floresta que são os estudos da linguagem aplicada ao ensino de língua portuguesa.

Com pandemia da COVID-19, que deixou para nós um hiato e perdas significativas na educação, a pesquisa aqui defendida não pode ser aplicada. Não obstante, com o retorno às aulas das escolas públicas as proposições aqui dispostas podem e devem servir de guia para professores, alunos da graduação

e pós-graduação que desejem aplicá-las. Por isso, deseja-se dar continuidade ao trabalho, pois cremos que ele não está encerrado. Assim, junto ao Centro de Estudos Linguísticos e Literários (CELLUPE) da Universidade de Pernambuco (UPE) desejamos dar continuidade na forma de um projeto de extensão junto aos alunos da graduação e pós-graduação da universidade referida.

Nosso trabalho busca também ressignificar o uso de filmes na escola. Muitas vezes esse instrumento de ensino é usado para “tapar buracos”, contudo acreditamos que o uso de filmes na escola tenha outros significados, em nosso olhar, o significado linguístico é mais pungente, mas entendemos que seja o olhar interdisciplinar o mais cabível a um mundo, e conseqüentemente, uma escola tão plural nos dias de hoje. Por isso, filmes são instrumentos pedagógicos ricos em linguagens e significados que devem ser usados pelo professor-pesquisador com objetivos e metodologias bem estudadas e com critérios de análise sempre visíveis à realidade do educando, assim como fizemos na nossa proposta educacional.

A nossa contribuição para educação básica é a construção de um CADERNO PEDAGÓGICO, que está sendo desenvolvido em formato e e-book, nele o professor vai poder encontrar informações breves teóricas sobre a LSF e o sistema de transitividade, assim como várias opções de atividades para os alunos de leitura, escrita e análise linguística baseadas na APER. Assim como toda relação que os assuntos abordados na pesquisa e nas atividades possuem com a BNCC e as competências do SAEB.

A intenção da pesquisa foi contribuir para a melhoria da educação básica, em especial o 8º ano do ensino fundamental, mesmo sendo ela adaptável a outros anos do ensino fundamental e do ensino médio. Que seja essa dissertação uma semente e que dela várias árvores frutíferas de professores-pesquisadores também se lancem no terreno fecundo das teorias aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino.**

Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BARBAT BARROS, G.; FUZER, C. **Análise sistêmico-funcional de resenhas em livro didático de língua portuguesa.** Mabaéa – Revista Eletrônica do

NETLLI, v. 9, n. 4, p. 398-415, out.-dez., 2020.

CABRAL, S. R. S.; _____. **Introdução à gramática sistêmico-**

funcional em língua portuguesa. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

CAVALCANTI, Beatriz Alves Paulo. **A pedagogia de gêneros da escola de Sydney em aulas de inglês para fins específicos: um voo sistêmico-**

funcional. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências

Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de

gramática. In: CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. (orgs). **Funcionalismo e**

ensino de gramática. Natal, RN: EDUFRN, 2016.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics.** 2 ed. London:

Continuum, 2004.

GOUVEIA, C. A. M. **Compreensão leitora como base instrumental do ensino da produção escrita.** In: SILVA, W. R.; SANTOS, J. S.; MELO, M. A. (org.), Pesquisas em Língua(gem) e demandas do ensino básico. Campinas, Pontes Editores, p. 203-231, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar.* 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J.R. **Writing Science – Literacy and Discursive Power.** London: University of Pittsburg Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M., **Introducion To Functional Grammar.** Third edition. London: Arnold, 2004.

ARAÚJO, E. O. H de. **O Masculino e o Feminino Imperiais:** uma análise Sistêmico-Funcional da Biografia “O Castelo de Papel”. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

MARTIN, J. R.; ROSE, David. **Learning to Write, Reading to learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School.** Sheffield, UK; Braistol, USA: Equinox, 2012.

_____. **Genre relations: Mapping culture.** Equinox, 2008.

MOITA LOPES, L. P.; CAVALCANTI, M. C. **Implementação de Pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro.** Trabalho de Linguística Aplicada, 17: 133-144. Jan-jun de 1996.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção Textual na universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto.** São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Gramática na escola: renovação do ensino da gramática, formalismo x funcionalismo, análise da gramática escolar.** São Paulo: Cortez, 1990.

PEZATTI, E.G. **O funcionalismo em linguística.** in MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Orgs.) Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. 8º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIOS, G. V. **Ensino de língua materna, letramentos e identidades no campo da Educação.** in OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. (orgs). Discursos, identidade e letramentos. São Paulo: Cortez, 2014.

SIMÕES, A. C. ***A perspectiva Sistemicista de Análise de Gêneros: a Proposta de Ruqayia Hasan***. Revista Linguagens, UFSCAR, São Paulo: ano 5, nº 19, artigo 09. Jul/set 2012. Disponível em: www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo_009.pdf Acesso em: 20/05/2020.

SÁ, A. M. **Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução**. 2016. 136f. Dissertação (mestrado em linguística aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

SILVA-BARBOSA, M. R. **Conte uma história: um estudo de gêneros na escola sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional**. 2009. 187f. Tese (doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática ensino plural**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004

VIAN Jr, Orlando. **A perspectiva sistêmico-funcional de gêneros, o ensino e a educação de professores**. In CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (org). Gêneros (textuais/discursivos). Campinas: Mercado das Letras, 2018.

VIAN Jr, Orlando. **O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação**. DELTA, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009. Disponível

em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502009000100004&lng=pt&nrm=iso. acessos

em 24 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000100004>.

ANEXOS

Anexo 01: RESENHAS FÍLMICA – FORMAÇÃO DO CORPUS

Resenha 1: REI LEÃO

O Rei Leão: Críticas AdoroCinema x +

Não seguro | adorocinema.com/filmes/filme-250594/criticas-adorocinema/

ADOROCINEMA Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...

Ex:

FILMES PROGRAMAÇÃO TRAILER NOTÍCIAS SÉRIES FILMES ONLINE [MEU ADOROCINEMA](#)

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

CRÍTICAS ADOROCINEMA

3,5
★★★★☆
Bom

O Rei Leão
Deslumbre técnico por Francisco Russo

Em 1995, o pioneiro [Toy Story](#) chegou para popularizar de uma vez por todas a animação computadorizada. Ainda é cedo para afirmar que o mesmo acontecerá com a proposta fotorrealista deste novo [O Rei Leão](#), mas desde já é possível afirmar que, assim como o longa dirigido por [John Lasseter](#) no século passado, o novo filme de [Jon Favreau](#) é, também, um divisor de águas.



SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.253 curtidas

ADOROCINEMA RAMOS ASSISTIR JUNTOS

Curtiu

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Greyhound
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth

Vendido como um *live-action* sem humanos, o novo **O Rei Leão** bebe diretamente da animação clássica para surpreender pelo aspecto técnico. De uma exuberância visual impressionante, é incrível acompanhar tantos e variados animais recriados nos mínimos detalhes, de forma que o espectador não tenha a sensação de ver em cena uma nova animação, potencializada com o que há de mais moderno nos efeitos especiais. Por mais que tenha ensaiado tal proposta em *Mogli - O Menino Lobo*, Favreau aqui encara um desafio maior por não ter a presença humana como fio condutor da narrativa, precisando demonstrar as necessárias emoções decorrentes da história apenas através dos animais. Este, no fim das contas, é também seu calcanhar de Aquiles.

Há no fotorrealismo uma limitação inerente não à tecnologia, mas à própria biologia: a impossibilidade de criar personagens tão expressivos, sob o risco de perder o princípio básico (e buscado) da veracidade. Sob a sombra constante da *animação clássica*, que contava com personagens extremamente carismáticos, tal comparação prejudica a nova versão não exatamente por ser inferior, por mais que seja, mas pela proposta diferente. Aqui, as emoções são trazidas através de sutilezas: um realçar de sobrancelha, um franzir de testa, um leve movimento de cabeça. Detalhes que, uma vez mais, impressionam pelo apuro técnico mas, inevitavelmente, trazem também uma certa frieza.



Neste aspecto, é curioso notar como este novo filme dialoga, o tempo todo, com a animação clássica. Se a comparação lhe é prejudicial pelo aspecto da emoção e também ao charme intrínseco à animação 2D, em várias cenas a lembrança do original auxilia pela nostalgia. É como se o jogo já estivesse ganho, graças aos momentos tão conhecidos que vêm à memória de imediato - uma tática que tem sido explorada com habilidade pelos *live-actions* de animações clássicas da Disney, diga-se de passagem. Como não abrir um sorriso ao ouvir "Hakuna Matata", por exemplo? Ou antever o peso do que está para acontecer quando Simba se vê amedrontado em meio a um estouro de animais? Impossível.

Também por isso, são mínimas as mudanças feitas neste filme em relação ao original, por mais que haja 29 minutos a mais. As mais relevantes são a existência de uma líder das hienas e a aparição do cajado de Rafiki, no mais o tempo extra é gasto em sequências visuais mais alongadas. Não por acaso, Favreau busca enquadramentos que a todo instante remetam à animação clássica, em busca do saudosismo dos fãs. A única surpresa de fato vem através da ótima brincadeira com "Be Our Guest", icônica canção de *A Bela e a Fera*.



Outro ponto que precisa ser ressaltado é em relação ao elenco de vozes desta nova versão. Se a escolha de **James Earl Jones** como Mufasa de início espanta os fãs de *Star Wars* graças ao inconfundível vozeirão de Darth Vader, é também inegável o peso que o ator dá ao personagem. O garoto **JD McCrary** também se sai muito bem como o jovem Simba, enquanto **John Oliver** surpreende pelo inusitado sotaque britânico dado a Zazu. Quem também brilha intensamente é **Seth Rogen** como Pumba, associando seu estilo próprio ao tom bem-humorado do personagem. Já a dupla **Donald Glover** e **Beyoncé** destoa dos demais: enquanto ele soa um tanto quanto exagerado em certos momentos, especialmente em suas cenas iniciais, a cantriz surge sem brilho, a não ser na boa versão de "Can You Feel the Love Tonight".

Por mais que sua existência tenha muito a ver com o potencial mercadológico nas bilheterias, fato é que a nova versão de **O Rei Leão** traz algo novo ao cinema, não só pela estética mas também pela narrativa. É preciso, no entanto, saber situar cada filme: por mais que este não chegue perto da animação clássica, há nele uma beleza em torno das saídas encontradas ao buscar expressões nos animais, associada aos próprios movimentos deles, que torna este novo filme dirigido por Jon Favreau algo único. Ao menos por enquanto.



NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



Resenha 2: SING – quem canta seus males espanta

Sing - Quem Canta Seus Males Espanta

adorocinema.com/filmes/filme-227066/criticas-adorocinema/

ADOROCINEMA

Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...

Ex.: Vúva Negra, Jojo Rabbit, Um Espião Animal, Scooby Filme

FILMES PROGRAMAÇÃO TRAILER NOTÍCIAS SÉRIES FILMES ONLINE

MEU ADOROCINEMA

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

CRÍTICAS ADOROCINEMA

3,0

★★★★☆

Legal

Sing - Quem Canta Seus Males Espanta
A música acalma as feras
por Bruno Carmelo

A premissa deste filme é tão familiar que chega a ser curioso o fato de ninguém ter pensado nisso antes. **Sing - Quem Canta Seus Males Espanta** transpõe às animações o formato dos *reality shows* musicais (*American Idol*, *The Voice*, *The X Factor*) com animais antropomórficos cantando. Pode parecer inusitado adaptar um gênero que contém a palavra "reality" ao formato fantasioso dos bichos falantes, porém estamos na época em que as novidades no cinema industrial não constituem ideias totalmente inéditas, e sim a combinação de conceitos que não tinham sido misturados antes. Este é, por definição, um filme *trash*.

Talvez a maior ousadia seja não ter um protagonista definido. A história é amarrada pelo coala Buster Moon, proprietário do teatro onde ocorrem os testes musicais, mas a trama alterna entre o dilema de um gorila com problemas paternos, uma porca pouca apreciada pelo marido, uma porca-espinha abandonada pelo namorado, um rato trambiqueiro e uma elefanta tímida demais para cantar, além de uma série de personagens coadjuvantes. A câmera desliza rapidamente de um rosto para outro, de um conflito para o seguinte, atravessando bairros da cidade num simples movimento de câmera. A transição entre subtramas remete ao formato das séries de televisão, ao invés das animações infantis tradicionais.

A estrutura ramificada pode passar despercebida pelo público diante da avalanche de cores e músicas. São 85 canções famosas, com o acréscimo de uma composição original, distribuídas numa duração de 110 minutos, o que representa uma nova canção a cada 80 segundos. Temos ao mesmo tempo uma overdose de estímulos e uma proeza da edição, capaz de alternar entre tantos estilos e personagens de modo compreensível. Com tantos cortes na edição, cores na direção de arte, personagens e músicas diferentes, **Sing** se assemelha à temporada inteira de um *reality show* condensada num único filme.

Como de costume nas produções da Illumination Entertainment (*Meu Malvado Favorito*, *Minions*, *Pets - A Vida Secreta dos Bichos*), a coerência narrativa é sacrificada pela necessidade de piadas ou de um fundo emocional. A competição entre os bichos é inverossímil, porque nunca ficam claras as regras impostas aos animais selecionados para disputar o prêmio principal. Com exceção do arrogante rato, nenhum personagem parece estar competindo com os demais. Quando todos descobrem uma informação relevante sobre a natureza do prêmio, a reação dos concorrentes - muitos deles pobres - é absurda. Pior ainda é a súbita mudança de temperamento do pai de Johnny, um ladrão violento, ao ouvir o filho cantar.

Sing - Quem Canta Seus Males Espanta resgata a ideia romântica de que a música acalma as feras, e vai além: a música, nesse contexto, permite alcançar todos os sonhos, resolver conflitos entre pais e filhos, resgatar o amor entre maridos e esposas e impor a ordem social numa megalópole caótica. Não é por acaso que os dinâmicos personagens só se concentram durante a apresentação final, organizada sobre um palco em ruínas: a canção é vista como uma espécie de cola social, uma idealização do princípio de solidariedade e da reinvenção de si próprio.

O diretor **Garth Jennings** oferece um grande espetáculo na apresentação final, intensificando os ruídos, o volume das canções e a carga emocional num clímax catártico. Por incrível que pareça, o roteiro encontra uma maneira de amarrar os seus fios soltos e ligar, de modo orgânico, a trajetória de todos os bichos. No meio do caos *pop* surge um filme sonhador, de valores clássicos, adaptado à sensibilidade do século XXI.

QUER VER MAIS CRÍTICAS?

- As últimas críticas do AdoroCinema

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.278 curtidas

ADOROCINEMA
VENDE ASSISIR JUNTOS

Curtiu

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Greyhound
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.278 curtidas

ADOROCINEMA
VENDE ASSISIR JUNTOS

Curtiu

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Greyhound
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
Trailer

Adú
★★★★☆ 3,0

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.278 curtidas

ADOROCINEMA
VENDE ASSISIR JUNTOS

Curtiu

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Greyhound

Resenha 3: PROCURANDO DORY

Procurando Dory: Críticas AdoroCinema

adorocinema.com/filmes/filme-210222/criticas-adorocinema/

ADOROCINEMA

Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...

Ex.: Váiva Negra, Jojo Rabbit, Um Espião Animal, Scooby Filme

FILMES PROGRAMAÇÃO TRAILER NOTÍCIAS SÉRIES FILMES ONLINE

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

CRÍTICAS ADOROCINEMA

3,5

★★★★☆

Bom

Procurando Dory
Velhos amigos em uma nova jornada
por Francisco Russo

Procurando Nemo é um dos filmes mais queridos dentre os produzidos pela Pixar, e é fácil entender o porquê: há a jornada de fácil identificação envolvendo um pai à procura do filho, coadjuvantes carismáticos, um roteiro que sabe explorar características do fundo do mar, uma animação bellíssima e, é claro, Dory e seu baleiês. Pois é justamente ela a protagonista desta continuação tardia, lançada 13 anos após o original e dirigida pelo mesmo **Andrew Stanton**. O que isto muda? Simbolicamente, muito. Na prática, bem pouco.



Logo de início é possível perceber a mudança estrutural implementada em **Procurando Dory**: o filme começa com um flashback, com a pequenina peixinha desmemoriada ao lado de seus pais e aprendendo a lidar com seus constantes esquecimentos. Além de situar historicamente a nova protagonista, a

abertura serve ainda para correlacionar esta seqüência com o filme original. É quando sabemos que a nova aventura se passa exatamente um ano após o resgate de Nemo.

A presença dos flashbacks é importantíssima neste novo filme: é através deles que Dory, aos poucos, recebe pistas sobre quem foram e aonde estão seus pais. Além de lidar com o passado de forma explícita, **Procurando Dory** inverte a proposta vista no filme original: se antes um pai superprotetor partia desesperadamente em busca do filho, agora é a filha quem está à procura dos pais. Em ambos os casos, a necessidade de ter a família ao redor é a motivação principal - lembre-se, Pixar é uma empresa Disney, com todos os méritos e deméritos que isto traz. Só que, se **Procurando Nemo** brilhava pela originalidade, sua continuação mostra-se extremamente dependente dos elementos já conhecidos pelo grande público.



É claro que questões com o baleiês e o constante esquecimento de Dory marcam presença mais uma vez, assim como o ar sempre preocupado de Marlin, agora relegado ao posto de coadjuvante (e por vezes esquecido na própria história, juntamente com Nemo). Personagens conhecidos, como a tartaruga com jeitão hippie, aparecem em pequenas pontas.

Por mais que tais ideias até rendam algumas seqüências divertidas, soam sempre como algo requentado. Insiste-se na mesma piada, mudando apenas o contexto em que é apresentada.

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.287 curtidas

ADOROCINEMA NÃO SE ASSUSTE JUNTOS

Curtiu

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Creyhound
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
Trailer

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.287 curtidas

ADOROCINEMA NÃO SE ASSUSTE JUNTOS

Curtiu

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Creyhound
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
Trailer

Tamãha dependência fica ainda mais explícita pelo fato dos novos personagens não se destacarem tanto. Se o octopus Hank até tem um lado interessante pela dubiedade de postura, fica também escancarado que sua escolha teve muito a ver com a necessidade de locomoção fora d'água da própria Dory (em malabarismos que nem sempre convencem, diga-se de passagem). O roteiro também mostra-se preocupado em instruir os menores acerca da fauna marinha, como demonstram curiosidades biológicas espalhadas aqui e ali e a presença da beluga Bailey, com seu poderoso "sonar natural". Ou seja, existe uma preocupação constante em divertir e também em transmitir mensagens, sejam elas emocionais - ligação com a família - ou educacionais - a ambientação no aquário da Califórnia é mais um exemplo.



Original mesmo, **Procurando Dory** é em apenas dois momentos: na brilhante sequência do "tanque de tocar", onde a realidade é apresentada sob a ótica dos seres que lá vivem (uma inversão de ponto de vista semelhante à do aquário no escritório, em **Procurando Nemo**), e no contraste formado pela tubarão Destiny e a já citada Bailey, envolvendo questões de

visão. No mais, são as mesmas situações já conhecidas, apresentadas por uma qualidade de animação impressionante - repare na diferença de luminosidade no fundo do mar, dependendo da profundidade em que os personagens estão.

De certa forma, **Procurando Dory** lembra conceitualmente **Universidade Monstros**: um filme até divertido, com personagens carismáticos e de grande apelo junto ao público, mas sem a originalidade que fez com que a Pixar fosse tão admirada ao longo dos anos. Soma-se a isto o fato do roteiro se apropriar de vários facilitadores no terço final, resolvendo situações com uma fragilidade que chega a surpreender, negativamente. Bom filme, com grandes chances de ser mais um sucesso de público, mas que também não avança muito dentro do que a Pixar já pôde fazer.



NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



Resenha 4: O Pequeno Príncipe

O Pequeno Príncipe: Críticas Ado- x +

adorocinema.com/filmes/filme-178545/criticas-adorocinema/

ADOROCINEMA Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...
Ex: Vóiva Negra, Jojo Rabbit, Um Espião Animal, Scooby Filme

FILMES PROGRAMAÇÃO TRAILER NOTÍCIAS SÉRIES FILMES ONLINE MEU ADOROCINEMA

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

Inicial > Filmes em cartaz > Todos os filmes > Filmes de Animação > O Pequeno Príncipe > O Pequeno Príncipe críticas > Crítica de AdoroCinema para O Pequeno Príncipe: Descobrimo o peque...

O PEQUENO PRÍNCIPE

Videos Créditos Críticas dos usuários Críticas da imprensa Críticas do AdoroCinema Fotos Filmes Online +

CRÍTICAS ADOROCINEMA

3,0
Legal

O Pequeno Príncipe
Descobrimo o pequeno príncipe por Francisco Russo

"O essencial é invisível aos olhos". A frase mais célebre do livro "O Pequeno Príncipe" é usada até hoje para ressaltar a importância dos sentimentos e do caráter no dia a dia e, como não poderia deixar de ser, tem importância crucial na animação O Pequeno Príncipe. Afinal de contas, a proposta maior deste novo trabalho do diretor Mark Osborne (Kung Fu Panda) não é propriamente reproduzir o livro escrito por Saint-Exupéry, mas sim captar sua essência.

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.286 curtidas

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu

É importante ressaltar que a história do menino que vivia solitário em um asteroide e, viajando pelo espaço, encontrou um avião perdido no deserto está na longa-metragem. Entretanto, ela ocupa um espaço menor, cerca de um terço da duração apenas. A trama principal gira em torno de uma pequena garota, que leva uma vida bastante regrada devido à obsessão da mãe em controlar absolutamente tudo à sua volta. Para situar ainda mais este universo rígido, a animação computadorizada resalta sempre o quanto tudo é retangular e cinza, sem imaginação alguma. O contraponto é justamente a casa do vizinho, repleta de cor e irregularidades, uma metáfora à própria personalidade de seu dono.

É a partir do encontro entre a garota e o vizinho, um senhor que lhe conta a tal história do pequeno príncipe, que o longa-metragem enfim ganha corpo. É quando a magia entra em cena, no sentido de um universo lúdico e repleto de criatividade. Neste sentido, a trama do livro de Saint-Exupéry é utilizada como símbolo deste mundo colorido que, aos poucos, transforma a vida da tal garota. A história dela e a do pequeno príncipe são narradas em paralelo, cada um apresentando uma técnica de animação diferente: ela, a computadorizada; ele, em *stop motion*. Só que, a partir de determinado momento, o longa-metragem vai além e ousa ao seguir em frente na história já conhecida. É exatamente neste ponto que **O Pequeno Príncipe** perde a chance de ser grandioso.



Ao trazer para a sua realidade o conceito da morte e de como reagir a ela, a animação flerta com uma situação imensa mas acaba deixando-a de lado, optando pelo caminho fácil do mundo fantasioso. Que não é ruim, é bom ressaltar, apenas menor. Por mais que demonstre uma nitida irregularidade entre a fase inicial e o momento em que a garota passa a acreditar que sonhar é possível, e outros menores no decorrer da trama, o longa consegue sempre manter um certo interesse, muito ajudado pelo traço mais lúdico da animação e a bela trilha sonora de **Hans Zimmer** e **Richard Harvey**.

No fim das contas, **O Pequeno Príncipe** funciona tanto para quem nada sabe sobre a história como para quem a conhece de cor e salteado, já que aqui é apresentada uma variável do conto clássico. Ao transmitir uma mensagem sobre a importância da imaginação, o longa aborda também a perda da inocência decorrente do inevitável crescimento. Um filme mais propriamente curioso do que bom, por mais que seja agradável, devido às técnicas diferentes de animação e a até mesmo corajosa proposta de continuar o livro, apesar do desenrolar ser repleto de situações autoreferentes. O destaque maior, sem sombra de dúvidas, fica por conta da raposa: uma graça, seja em qual aparência estiver.

Filme visto no 68º Festival de Cannes, em maio de 2015.

SIGA O ADOROCINEMA

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

- Não Toque em Meu Compenheiro**
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer
- Greyhound**
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
Trailer
- Adú**
★★★★☆ 3,0

Resenha 5: UP: ALTAS AVENTURAS

ADOROCINEMA

Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...

FILMES | PROGRAMAÇÃO | TRAILER | NOTÍCIAS | SÉRIES | FILMES ONLINE

MEU ADOROCINEMA

Videos | Créditos | **Críticas dos usuários** | Críticas da imprensa | Críticas do AdoroCinema | Fotos | Filmes Online

MÉDIA
4,6
★★★★☆
3597 notas
de 86 críticas

DISTRIBUIÇÃO DE 86 CRÍTICAS POR NOTA

★★★★★	40 críticas
★★★★☆	18 críticas
★★★★☆	1 crítica
★★★★☆	23 críticas
★★★★☆	3 críticas
★★★★☆	1 crítica

Você assistiu Up - Altas Aventuras ? **ESCREVER MINHA CRÍTICA**

86 CRÍTICAS DO LEITOR

Organizar por: Críticas mais úteis

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.293 curtidas

Você e outros 253 amigos curtiram isso

VÍDEOS ASSOCIADOS A ESTE FILME

- Up - Altas Aventuras Trailer Original (32.076 visualizações)
- Up - Altas Aventuras Trailer Dublado (6.083 visualizações)



Matheus S.
Segui-os
18 seguidores
[Ler as 62 críticas deles](#)

★★★★★ 5,0 Enviada em 24 de dezembro de 2012

Não há nenhum filme de animação digital que provoque emoções tão distintas quanto *Up - Altas Aventuras*. Felicidade, tristeza, agonia, revolta, indignação, alegria... É impossível não sentir nada disso assistindo às 1 hora e 36 minutos desse filme altamente prazeroso. Os primeiros 11 minutos de filme podem ser considerados um curta metragem extremamente perfeito, paralelamente ao filme. A história de amor entre o Seu Fredricksen e a amável Ellie é de fazer qualquer um que tenha coração chorar. Para completar as belas imagens computadorizadas há uma trilha-sonora emocionante, e igualmente perfeita. Depois disso o filme é como uma montanha-russa de emoções. Essas emoções tão distintas vem por vários motivos, mas alguns são principais. Um deles é a naturalidade na qual a história transcorre. A história, mesmo sendo surreal, se mostra muito envolvente e convincente, principalmente pelas personalidades dos personagens principais, que às vezes se perdem dentro de seus mesmo valores, mas logo mostram quem realmente são. A trilha-sonora também ajuda, e muito, à deixar o filme emocionante. As melodias melosas ao ponto certo completam as cenas, deixando-as ainda melhores. A qualidade gráfica do filme é grandiosa. Ela mistura com maestria um tom fantasioso com a essência do ser-humano, dando destaque às expressões faciais dos personagens. Isso ocorre em diversas cenas, engrandecendo o filme. *Up - Altas Aventuras* é um filme único, uma mistura perfeita de fantasia e realidade, de tristeza e alegria. Uma das melhores animações já feitas, tanto por sua grandíssima qualidade gráfica como por sua história central extremamente humanista e completamente emocionante.

SIGA O ADOROCINEMA



AdoroCinema
9.207.293 curtidas

Você e outros 253 amigos curtiram isso

VÍDEOS ASSOCIADOS A ESTE FILME

- Up - Altas Aventuras Trailer Original*
32 076 visualizações
- Up - Altas Aventuras Trailer Dublado*
5 683 visualizações
- Up - Altas Aventuras Trailer (2) Original*
8 462 visualizações

Resenha 6: MODO AVIÃO

Modo Avião: Críticas AdoroCine: x
+

← → ↻
🔒 Não seguro | adorocinema.com/filmes/filme-276053/criticas-adorocinema/
🌟 📧 ⚙️ 👤

FILMES
PROGRAMAÇÃO
TRAILER
NOTÍCIAS
SÉRIES
FILMES ONLINE
🔍 MEU ADOROCINEMA

Em cartaz
Em breve
Críticas AdoroCinema
Bilheterias
Melhores filmes

CRÍTICAS ADOROCINEMA

2,5

★★★★☆
Regular

Modo Avião
Mais vida, menos likes por Barbara Demerov

Não é exagero afirmar que **Larissa Manoela** possui uma das vozes mais influentes quando centramos no que o público infanto-juvenil gosta de consumir. A jovem atriz e influencer cresceu atuando e agora, mais do que nunca, conquistou um importante espaço dentro do streaming. Com novos filmes já confirmados pela Netflix no futuro, **Modo Avião** pode ser encarado como uma nova fase para Manoela. Este é um filme que não só fala sobre questões muito atuais como também é bastante centrado no talento de sua protagonista, que tem carisma de sobra para fazer com que o espectador se identifique com o que Ana, jovem viciada em celular, sente ao longo da narrativa.

Contudo, nem mesmo a presença marcante de Manoela em tela, com uma personagem que evidencia algumas das maiores complicações desta geração – o consumo excessivo de redes sociais, a vontade de se mostrar sempre feliz e, claro, a busca eterna por likes e seguidores –, é capaz de se desvincular de clichês nada naturais. Em **Modo Avião**, após Ana se acidentar no trânsito de São Paulo por estar mais focada em seu celular, a garota é obrigada a fazer um detox digital promovido por seus preocupados pais. Ela, então, se afasta da cidade grande e da agência em que trabalha, que pouco se importa com seu bem estar, e finalmente conhece seu avô numa cidade do interior.

SIGA O ADOROCINEMA



AdoroCinema
9.207.295 curtidas

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

- Não Toque em Meu Companheiro**
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer
- Greyhound**
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
Trailer
- Adú**



Toda a composição deste cenário detox entra num dilema: de um lado, o avô, interpretado por **Erasmão Carlos**, é um dos pontos altos desta parte de personagens da pacata cidade, mas todo o restante não consegue alcançar outro nível que não seja dentro de estereótipos. É interessante ver a transformação de Ana, antes uma jovem mais preocupada com o exterior e que não ouvia suas próprias vontades de forma correta, até chegar numa jovem que enfim conhece suas raízes, seu passado e, por consequência, o melhor caminho a seguir no futuro. Porém, a realidade é que todos nós já vimos este tipo de história, e inevitavelmente o desfecho de cada componente do roteiro é muito fácil de ser decifrado ainda na metade do longa.

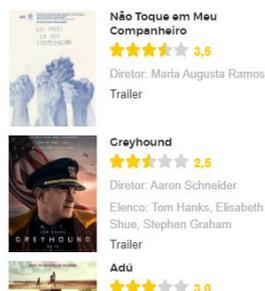
É muito claro o esforço de Manoela em entregar uma personagem de várias camadas, seja por seu gosto por moda (diminuído pelo dia a dia como influencer) ou pela sutil inquietação ao lidar com sua chefe Carola (**Katiuscia Canoro**). Porém, o roteiro não tem como principal missão trabalhar melhor seus personagens – como a própria chefe da agência de influencers, que atua

como roteirista da vida de seus clientes. A vilã tinha o potencial para ser ainda mais autêntica e trazer uma mensagem séria sobre a questão problemática que é a do fingimento e ilusão contida nas redes sociais – mas nada disso acontece, pois o roteiro foca mais no lado cômico de toda a situação, com frases que soam forçadas e situações que dificilmente aconteceriam na vida real.

Com uma bela direção de arte e fotografia, que contrasta bem os dois "mundos" tão distintos na visão de Ana, **Modo Avião** se sobressai quando se atenta às questões familiares que envolvem a protagonista, especialmente na relação avô e neta. Os diálogos encontrados nestes momentos focados na importância de ser sincero com suas raízes e encontrar sua verdadeira motivação são bonitos, da mesma forma que é a mudança comportamental de Ana ao abrir os olhos para o mundo real, longe de aplicativos. A mensagem do filme de **César Rodrigues** acaba por nos distrair momentaneamente dos deméritos da história, sendo relevante para os dias atuais e ainda com um bônus: trazendo consigo uma mensageira que garante o valor de tal reflexão.



NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



SIGA O ADOROCINEMA



NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



Resenha 7: *WiFi RALPH – QUEBRANDO A INTERNET*

WiFi Ralph - Quebrando a Internet

Não seguro | adoro cinema.com/filmes/filme-216578/criticas-adorocinema/

FILMES PROGRAMAÇÃO TRAILER NOTÍCIAS SÉRIES FILMES ONLINE MEU ADOROCINEMA

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

CRÍTICAS ADOROCINEMA

3,0
★★★★☆
Legal

WiFi Ralph - Quebrando a Internet
Os delírios do mundo conectado por Bruno Carmelo

Caso o espectador não tenha visto *Detona Ralph* (2012), não há problema: o roteiro explica de maneira sucinta quem são Ralph e Vanellope, e como nasceu a amizade entre os dois, baseada em suas posições marginais dentro da sociedade dos jogos de Arcade. Passada a breve apresentação, a sequência abandona alguns elementos centrais do filme original. O jogo "Detona Ralph" é relegado ao segundo plano, a nostalgia dos jogos de antigamente se perde, e a mensagem sobre autoaceitação é substituída pelo discurso sobre a persistência das amizades apesar das diferenças.

O roteiro não é muito sutil: vivendo um momento de idílio nos games, os personagens estão à espera de algum conflito para o filme acontecer. A chegada da Internet torna-se a óbvia porta de entrada para aventuras, e não demora para a dupla de amigos se embrenhar pelo mundo da conectividade. Eles adentram o portal proibido com uma facilidade incrível, encontram o objeto desejado (um volante para consertar o carro de Vanellope) em questão de minutos, descobrem o funcionamento deste local quase instantaneamente. **WiFi Ralph - Quebrando a Internet** não tem dificuldade em criar reviravoltas para seus personagens, embora elas soem fáceis ou bruscas pelo uso de recursos externos, pouco justificáveis pela própria trama. A separação entre Ralph e Vanellope no universo da Internet é o melhor exemplo dos conflitos criados apenas para permitir uma continuação da história.

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
9.207.276 curtidas

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
★★★★☆ 3,5
Diretor: Maria Augusta Ramos
Trailer

Greyhound
★★★★☆ 2,5
Diretor: Aaron Schneider
Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
Trailer

Adú
★★★★☆ 3,0



Se o projeto não empolga por sua destreza narrativa, ele diverte ao imaginar os aspectos físicos do mundo virtual. De que maneira alguém entraria literalmente na Internet? Como as informações viajam por este espaço numérico, e como se efetua uma pesquisa de informações? As melhores invenções do filme provêm das respostas inocentes e criativas a essas perguntas. A transformação do motor de busca num homem carente, e dos pop-ups em funcionários mal pagos de pequenas empresas funciona como boa analogia às relações de trabalho, além representação interessante das megalópoles. O cenário de zeros e uns simboliza tanto o individualismo quanto a massificação da sociedade atual.

As redes sociais e os vídeos caseiros são apresentados com um misto de adoração e alerta. Por um lado, é visível a crítica à futilidade dos vídeos de gatinhos, memes e outras bobagens despejadas pelos sites. Ralph, antes desprezado em seu próprio jogo, aceita reproduzir a estratégia de humilhação na Internet, protagonizando vídeos virais ridículos – até descobrir os perigos que isso causa à sua imagem. Por outro lado, o filme apresenta a carreira de "influenciador digital" como uma aposta de sucesso garantido, acessível a qualquer pessoa. A Internet é vista como um mundo de excessos, capaz de trazer recompensas e perigos com a mesma facilidade – neste sentido, é interessante a criação de uma atmosfera sombria ao dissecar a *Deep web*, sugerindo pela textura das imagens um conteúdo que não caberia a uma produção infantil.

Outro elemento que salta aos olhos no projeto é a proliferação de marcas. **WiFi Ralph – Quebrando a Internet** poderia criar um universo de empresas imaginárias, mas prefere inserir uma infinidade de marcas reais de lojas e redes sociais, fazendo uma propaganda extensa de algumas delas. Por mais natural que pareça o *product placement* neste universo, ele confere um realismo excessivo à fantasia. O choque se torna ainda mais forte diante da inserção das princesas da Disney, apresentadas como funcionárias entediadas, presas numa sala à espera de alguma enquete. A ambientação virtual é lúdica a ponto de transformar usuários reais em avatares de rosto quadrado, ou a ponto de retirar as princesas de seus habitats naturais, mas preserva a necessidade de dinheiro, os insultos nas caixas de comentários e outros aspectos amargos do mundo real.



Através das princesas, o filme consegue extrair alguns de seus melhores momentos, ainda que soem pouco orgânicos em relação ao resto da trama. A Disney demonstra a predisposição a parodiar suas narrativas, brincando com a diferença entre produções "locais" e as da Pixar, além da insistência da Disney em protagonistas órfãs. A comparação de Vanellope com uma princesa, e o discurso sobre o anacronismo das princesas clássicas nos dias de hoje efetua uma boa ponte à introdução de Shank, uma das melhores adições ao filme. A jovem personagem, independente e assertiva, tem gosto pelo automobilismo e dá conselhos a Vanellope sem se transformar numa heroína, muito menos numa vilã. Personagens femininas tão complexas quanto Shank ainda fazem falta à maioria das animações recentes.

O projeto termina com uma mensagem madura a respeito das amizades, além de fornecer algumas cenas de ambição estética notável – especialmente na construção de um grande monstro, rumo à conclusão. O contraste entre os traços simples de Ralph e Vanellope e o mundo ultrarrealista dos jogos online também produz um efeito interessante ao conjunto. Os ambientes perigosos – seja na *Deep web*, seja no jogo de corrida – revelam-se os mais audaciosos e bem resolvidos esteticamente, em particular por se tratar de uma franquia infantil cuja origem se baseia em doces açucarados, cenários coloridos e imagens claras.

No entanto, o filme dirigido por **Rich Moore** e **Phil Johnston** se enfraquece ao abandonar balizas e personagens fundamentais ao original – nem mesmo Conserta Félix Jr. e a Sargento Calhoun ganham uma função real na sequência – além de introduzir um vilão acessório no último terço da trama, quando a narrativa se sai muito bem sem este recurso. Os diálogos didáticos e o discurso ambíguo sobre a Internet e nossa relação com as marcas terminam por diluir o potencial do discurso. Mesmo assim, sobram bons momentos de aventura, uma porção de piadas inspiradas e uma representação cada vez mais orgânica do empoderamento feminino.

SICA O ADOROCINEMA

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
 3,5
 Diretor: Maria Augusta Ramos
 Trailer

Greyhound
 2,5
 Diretor: Aaron Schneider
 Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
 Trailer

Adù
 3,0

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
 3,5
 Diretor: Maria Augusta Ramos
 Trailer

Greyhound
 2,5
 Diretor: Aaron Schneider
 Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
 Trailer

SICA O ADOROCINEMA

Você e outros 253 amigos curtiram isso

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Não Toque em Meu Companheiro
 3,5
 Diretor: Maria Augusta Ramos
 Trailer

Greyhound
 2,5
 Diretor: Aaron Schneider
 Elenco: Tom Hanks, Elisabeth Shue, Stephen Graham
 Trailer

Adù
 3,0